



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA

**IDENTIDADE CULTURAL NAS CIRANDAS DE LIA DE ITAMARACÁ:  
LITERATURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA**

MAMANGUAPE – PB

2020

MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA

**IDENTIDADE CULTURAL NAS CIRANDAS DE LIA DE ITAMARACÁ:  
LITERATURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV para obtenção do grau de Mestre.

Orientação: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues.

MAMANGUAPE – PB

2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S729i Souza, Manuela Xavier Ribeiro de.  
IDENTIDADE CULTURAL NAS CIRANDAS DE LIA DE ITAMARACÁ:  
LITERATURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA / Manuela Xavier  
Ribeiro de Souza. - Mamanguape, 2020.  
10+ f.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/Campus IV.

1. Ciranda. Literatura Popular. Identidades. I. Título

UFPB/BC

MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA

**IDENTIDADE CULTURAL NAS CIRANDAS DE LIA DE ITAMARARACÁ:  
LITERATURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA**

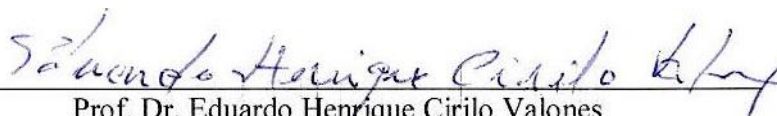
Aprovada em: 20 de fever de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**



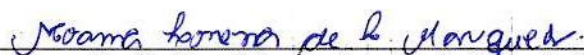
Prof. Dr. Hermano Rodrigues de França

(Orientador)



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones

(Examinador Externo)



Profa. Dra. Moama Lorena de Lacerda Marques

(Examinadora)

MAMANGUAPE-PB

2020

Dedico em especial, a Dona Lica (*in memorian*),  
vó que não era de sangue, mas era de vida.

## AGRADECIMENTOS

Com todas as forças do meu ser, agradeço a Deus pelos momentos em que estive ao meu lado, me ajudando, me dando força de ir em frente. E em todos os momentos em que pensei em desistir, Ele me abraçou e me fez olhar o horizonte com paz e graça.

Quero agradecer aos meus pais e meus irmãos pela vida e pela convivência e por constituir, em mim, uma boa parte do que sou hoje.

Agradecer ao meu esposo pelo incentivo, acredito que não chegaria até aqui se ele não tivesse me dado tanta força, pela compreensão e por suportar meus altos e baixos, minhas ausências, já que estava debruçada em leituras diversas e só quem já passou pelo processo intenso ao qual me refiro sabe do que estou falando, obrigada por acreditar em mim mais do que eu mesma.

Às minhas filhas, Mariana e Marília, minhas fontes de inspiração e de força. As que me fazem olhar para o futuro como se nele não existissem pessoas ruins ou desejos ruins. Desejo a vocês, meus amores, o que há de melhor no mundo. Continuem sendo essas pessoas lindas, não permitam as turbulências da vida façam vocês perderem o brilho do olhar. Determinação sempre, minhas filhas, eu amo vocês do tamanho de milhões e milhões de galáxias.

Ao meu orientador, Professor Dr. Hermano de França Rodrigues, que me fez ver um lado da Academia que eu não tinha tido a oportunidade de ver. Ele me fez ver onde eu podia (e posso) chegar, e cá estamos nós, obrigada Professor quisera a Academia ter mais seres humanos como o senhor.

Agradecer a Turma 5 do Profletras, pelo carinho, pelo empenho, pelas horas de conversas, de desabafo. Pelos cafés da manhã, pelos almoços, os cafés da tarde. Por cada um saber qual seu papel na sociedade e por deixar a caminhada menos dolorosa. Agradecer as minhas amigas de viagem, Adrielly Zhong, Elizabete Bezerra e Maria Hosana, todas empenhadas em oferecer uma educação significativa aos estudantes, e grandes companheiras de estudos, de profissão e de vida.

Agradecer a minha amiga, Annecy Vennâncio, com quem dividi o orientador, os sonhos, os estudos, as angústias, os desânimos, as viagens, os congressos, uma grande mulher, com quem aprendi e desejo continuar aprendendo. Obrigada, minha amiga.

Agradecer a Escola Coronel José Pinto de Abreu, na pessoa de Isidoro Severino Neto, pela permissão em tornar esse sonho possível, sem o corpo docente desta instituição e seus atores esse projeto não se tornaria realidade. Agradecer, em especial, aos professores Mestre José Bartolomeu dos Santos Júnior, pelos devaneios e discussões que acenderam os primeiros

desejos de estar aqui. E também, a Professora e Interprete de Libras, Janaina Bispo pela ajuda sem igual, a Professora Especialista Cinara Karoline, pela ajuda constante. Aos meus colegas de trabalho, em especial ao corpo docente da Educação de Jovens e Adultos, que tão brilhantemente abraça a causa dos alunos e da educação de Goiana.

Aos meus alunos da IV Fase A, que maravilhosamente atenderam ao meu pedido e embarcaram nesse maravilhoso mundo da literatura comigo, sem medir esforços, deram o sangue para que todo o trabalho acontecesse de forma brilhante, e que me fez enxergar ainda mais o poder de libertação e transformação da literatura, já que os estudantes, responderam de maneira positiva ao projeto.

Agradecê-los pela atenção, pela dedicação ao projeto, pela vontade de melhorar cada dia mais dentro de sala e fora dela. Parabéns, para vocês, esse projeto foi concluído, por vocês, para vocês. Obrigada, infinitamente.

*“[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante”*

**(Antônio Candido, 1989, p. 117).**



## RESUMO

Nosso projeto de intervenção versou sobre a Ciranda Pernambucana e todas as questões pertinentes a uma possível (re) construção de identidades culturais por meio de uma (re) significação desse gênero literário da modalidade oral que transpassa a história local na voz de Lia de Itamaracá. É sabido que a Ciranda tem ficado apenas no campo do folclore e não da literatura, onde deve ser o seu lugar, pois entendemos literatura como CANDIDO (1989), que aborda essa área das linguagens como sendo de direito social humano. Para tanto, o público da Educação de Jovens e Adultos foi o nosso público alvo da intervenção, visando um melhoramento de seus (re) posicionamentos em relação as suas “identidades”, como propõe a Base Nacional Comum Curricular (2018) e KLEIMAN (2004)”. O gênero Ciranda será abordado nos campos propostos por ZUMTHOR (2002) e por RABELLO (1979), as identidades foram embasadas nas colocações de HALL (2015) e BHABHA (1998). Nossa metodologia de caráter “pesquisa-ação” visou uma maior interferência na realidade os estudantes como proposto por FRANCO (2005). No que tange aos temas caracterizadores, ZILBERMAN (2005), COSSON (2004) foram nossas referencias, já que nos propusemos a realizar oficinas, embasadas em temas específicos, como amor, vida e religiões, pois entendemos que assim, garantimos maior dinamicidade e riqueza de detalhes que foram ser coletados.

**Palavras Chave:** Ciranda. Literatura Popular. Identidades. Lia de Itamaracá.

## RÉSUMÉ

Notre projet d'intervention a traité de Ciranda Pernambucana et de toutes les questions liées à une (re) construction possible des identités culturelles à travers une (re) signification de ce genre littéraire oral qui imprègne l'histoire locale dans la voix de Lia de Itamaracá. On sait que Ciranda est resté uniquement dans le domaine du folklore et non de la littérature, où il devrait être sa place, car nous comprenons la littérature comme CANDIDO (1989), qui aborde ce domaine des langues comme étant du droit social humain. Pour cela, le public de l'éducation des jeunes et des adultes était notre public cible pour l'intervention, visant à améliorer leurs (re) positions par rapport à leurs «identités», comme proposé par la Common National Curricular Base (2018) et KLEIMAN (2004) ». Le genre Ciranda sera abordé dans les domaines proposés par ZUMTHOR (2002) et RABELLO (1979), les identités se basant sur les positions de HALL (2015) et BHABHA (1998). Notre méthodologie de «recherche-action» visant à une plus grande interférence dans la réalité des étudiants telle que proposée par FRANCO (2005). En ce qui concerne les thèmes caractérisants, ZILBERMAN (2005), COSSON (2004) ont été nos références, puisque nous avons décidé d'organiser des ateliers, sur des thèmes spécifiques avec l'amour, la vie et la simplicité, comme nous le comprenons de cette façon, pour garantirons un plus grand dynamisme et une richesse des détails collectés.

**Mot clé:** Ciranda, Littérature populaire, Identités

## SUMÁRIO

|                                                                                                        |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                               | <b>12</b> |
| <b>2 A CIRANDA EM PERNAMBUCO: ORIGENS E CARCTERÍSITCAS.....</b>                                        | <b>15</b> |
| 2.1 PEDRA QUE CANTA - LIA DE ITAMARACÁ .....                                                           | 18        |
| <b>3 A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A LEITURA LITERÁRIA .....</b>                                  | <b>22</b> |
| <b>4 AS IDENTIDADES E A ESCOLA.....</b>                                                                | <b>29</b> |
| <b>5 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>                                                                  | <b>31</b> |
| 5.1 CONTEXTO DA PESQUISA (Um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos).....                          | 31        |
| 5.2 A ESCOLA E SUA LEGISLAÇÃO .....                                                                    | 33        |
| 5.3 CARCTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA .....                                                       | 34        |
| <b>6 INTERVENÇÃO DO PROJETO.....</b>                                                                   | <b>37</b> |
| 6.1 DESCRIÇÃO GERAL DO PROJETO DE INTERVENÇÃO AOS PROFESSORES,<br>EDUCADORES DE APOIO E A GESTÃO ..... | 38        |
| 6.2 UMA BREVE PAUSA PARA OS TCF'S .....                                                                | 39        |
| 6.3 AULA INICIAL .....                                                                                 | 42        |
| 6.4 OFICINAS/TEMAS CARATERIZADORES E PRODUTOS.....                                                     | 42        |
| 6.4.1 Oficina 1.....                                                                                   | 43        |
| 6.4.2 Oficina 2.....                                                                                   | 46        |
| 6.4.3 Oficina 3.....                                                                                   | 48        |
| 6.5 CULMINÂNCIAS DA INTERVENÇÃO – APRESENTAÇÃO DO TCF .....                                            | 52        |
| 6.5.1 Considerações Finais da Culminância .....                                                        | 56        |
| <b>7 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES (ORAL E ESCRITA DO TCF).....</b>                                            | <b>58</b> |
| 7.1 ORALIDADE.....                                                                                     | 58        |
| 7.2 ESCRITA – TCF .....                                                                                | 61        |
| <b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                     | <b>66</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                | <b>68</b> |
| <b>APÊNDICES .....</b>                                                                                 | <b>71</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>                                                                                    | <b>99</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Conhecer as origens da nossa literatura, entender o que é e o que deve ser considerado nesta, dentro de um universo vasto de leituras diversas, é de fundamental importância para perceber que tal arte está em muitos lugares e espaços. Sabendo disso, endentemos que esse conhecimento pode ser um importante fator de inclusão social, já que a literatura é importante meio de humanização, além de nos garantir um meio de assegurar a lucides, já que, como Candido (1989), acreditamos que ninguém consegue viver vinte e quatro horas sem fugir da realidade, pois para o mesmo autor, essa arte é “o sonho acordado da civilização” (p. 112). É através dela que temos contato direto com uma parte da nossa história, das nossas memórias, nossas fantasias, nos ajudando a entender os nossos processos identitários com determinada cultura.

Por certo, muitas das nossas histórias foram perdidas ao longo do caminho, já que, nem todas as obras foram registradas de forma gráfica e outras tantas se foram com seu povo. Muitas vezes, a forma de nos aproximarmos de um gênero literário é por meio da oralidade, que é uma prática social interativa para fins comunicativos, que pode se apresentar de diversas formas. Pensando nessa modalidade de literatura, fizemos um recorte de um gênero que é posto à margem do cânone literário brasileiro, e visto como parte do folclore: a Ciranda, gênero literário que traz para seus conhecedores uma parte da história oralizada e que abarca uma parte que foi negada, da situação de um povo.

Para desenvolver esta pesquisa nos atemos a Ciranda de Lia de Itamaracá; manifestação oral que pertence ao gênero literário, e que na região do litoral norte de Pernambuco é bastante conhecida entre seus brincantes, embora muitos desconheçam a razão pela qual tais músicas sejam pertencentes a nossa região, e muito menos do que as letras tratam efetivamente, qual a carga identitária carregam e qual a parte da nossa história são lembradas no momento em que se faz a roda de ciranda. Muitas pessoas não sabem o real valor da obra de Lia e de sua importância para a literatura pernambucana, e mundial.

Esta pesquisa, então, buscou fazer um recorte histórico, trazendo à luz a literatura cirandeira, por meio de pesquisadores que dedicaram esforços em investigação que podem ampliar a nossa visão em relação a gêneros literários que carregam consigo uma parte da história popular, que por vezes ficam a margem do rol canônico literário. Não é que a Ciranda não possa fazer parte da lista de temas folclóricos, por exemplo, mas é que tal proposta é, inicialmente, frágil e simplista demais para tal riqueza de produção, e autorrepresentação identitária, o que diminui seu poder de representação como apresentado por Cascudo (1967).

Em algumas escolas, por vezes, o que vem do popular é visto apenas como uma forma de folclore, ou música de “brincar”, como dissemos anteriormente, muito simplista para o valor cultural e identitário que a Ciranda possui. Trouxemos, assim, a Ciranda, especificamente, porque entendemos que ela traz, em suas linhas, a história de um povo que não deve ser apagada ou negligenciada. Tivemos por objetivo geral entender a relação da Ciranda com a (re) construção da identidade cultural na escola e como objetivos específicos, instruir os estudantes quanto à importância e composição estrutural do gênero textual em questão; mostrar as importâncias relacionadas às temáticas abordadas na Ciranda na composição da identidade cultural de um povo; e observar até que ponto esses indivíduos se reconhecem “identitários” (ou não) dessa cultura.

Para tanto, a Educação de Jovens e Adultos foi nosso público alvo específico, em especial, por entendermos que esses estudantes possuíam o poder de ver as Cirandas com um olhar mais crítico e possuem uma maior possibilidade de disseminar o que trabalhamos em sala, já que muitos desses estudantes são pais, mães ou responsáveis por seus tutelados, contribuindo assim, para uma maior amplitude da identidade cirandeira e de suas propostas temáticas. Com um olhar freiriano para esses estudantes que não tiveram oportunidade de estar na escola na idade certa, e hoje buscam retomar o que lhes foi tirado em época propícia.

Levamos a cultura popular para dentro da sala de aula, pois acreditamos que ela pode contribuir para uma (re) significação do que é fazer parte das culturas locais, já que essas leituras se tornam mais eficazes em seu significado e com elas podemos entender a (re) construção de quem somos, ao longo da vida, e do que seremos em um futuro não muito distante, sempre em constante mudança e transição, como proposto por Hall (2015) e Bhabha (1998). As diversas culturas que estão na palma da nossa mão podem contribuir para isso, e a cultura local, não seria diferente.

Nossa pesquisa foi dividida em três momentos específicos que foram: no primeiro capítulo, as origens históricas da Ciranda em Pernambuco; um panorama sobre Lia e os Cirandeiros em Pernambuco, no segundo capítulo, a Base Nacional Comum Curricular, com sua visão amplificada do que é leitura literária, aliado as identidades culturais que aparecem nas linhas de tal documento, no terceiro, um aparato nossa proposta metodológica, que foi de cunho qualitativo, bibliográfico e que tem perspectiva de pesquisa-ação, trazendo o perfil da nossa instituição, os corpus, e os resultados da nossa proposta de intervenção.

É fundamental ressaltar que nosso projeto de intervenção se deu em uma Escola Pública da Rede Estadual de Pernambuco, situada na Região Metropolitana do Recife, com o público já citado anteriormente. Tal intervenção, no primeiro momento, se deu por meio de uma roda

conversa preliminar, na qual pudemos identificar o que os estudantes conheciam a respeito de Ciranda, de literatura popular, de identidades, da sua origem e o que esta significa para o povo pernambucano.

No segundo momento, trabalhamos em sala de aula, por meio de oficinas, com as propostas de Cosson (2014), leituras, debates e interpretação das letras das Cirandas, todas essas oficinas trouxeram em sua dinâmica temas caracterizadores como propõem Zilberman (2005), e produtos finais em cada uma delas, que possam contribuir para uma apropriação da Ciranda e seu valor literário.

No terceiro e último momento, analisamos o processo de construção dos Trabalhos de Conclusão do Fundamental, doravante TCF dos alunos (Apêndice B), que é um Projeto de Pesquisa elaborado pelos alunos do Ensino Fundamental Anos Finais e entregue para ser avaliado por uma comissão de professores da própria escola e externos a ela. Cada grupo de trabalho pode ser composto por até seis estudantes, no nosso caso, pretendemos envolver diretamente 6 (seis) estudantes, para que os mesmos obtenham seus certificados de conclusão da Rede Pública do Estado de Pernambuco. Os projetos de pesquisa devem ser expostos oralmente para a comissão e para os demais alunos da escola, em data pré-determinada pela própria escola, seguindo cronograma da Gerencia Regional de Educação da Zona da Mata Norte.

Quem define os temas a serem desenvolvidos os projetos são os alunos com seu professor orientador, em parceria os estudantes e o orientador devem buscar temas de relevância social para comunidade de acordo com a disciplina que o professor orientador ministrar. Por isso, entendemos que trazer a literatura para esse momento da vida dos alunos, foi de fundamental importância para desenvolvimento social, cultural e crítico dos envolvidos.

Acreditamos que dessa forma, ajudamos os estudantes a ampliar os conhecimentos previamente existentes em relação aos movimentos culturais locais e identitários que estão em sua volta, com um olhar desprovido de possíveis preconceitos quanto às propostas descritas até aqui, ou contra seus “cantantes” e sua história; que também é nossa.

## 2 A CIRANDA EM PERNAMBUCO: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS

Não há estudos precisos a respeito de como o gênero oral *Ciranda* tenha chegado a Pernambuco, ainda existem muitos desencontros referentes a dados exatos. Os estudos que temos são os de Padre Jaime Dinis e de Evandro Rabello. Ambos fizeram levantamentos por volta dos anos 60, 70 e 80, do século XX.

Segundo Dinis (1960), uma versão da história testemunha que Antônio Baracho<sup>1</sup> foi o homem a quem foi atribuído o título de “criador” da Ciranda em Pernambuco. Baracho era natural de Nazaré da Mata, que fica na Zona da Mata Norte. Essa era uma região que, na época do nascimento de Baracho, dependia economicamente dos Engenhos de Cana de Açúcar, principal fonte de renda das pessoas daquela região. Para comemorar uma grande colheita, os homens e mulheres “brincavam” em uma grande roda ao som da voz do mestre, que os guiavam em letras de agradecimento pelo feito e/ou qualquer outra temática.

A Ciranda faz parte de uma tradição oral e não há registros escritos da autoria precisa das letras de Baracho, já que eram improvisadas. Uma característica fundamental da Ciranda é, justamente, o não registro escrito de suas letras. Em rodas de ciranda, o mestre cirandeiro pode criar uma música a seu bem querer e com a temática que melhor lhe aprouver no momento.

Porém, outra versão da história da Ciranda, em Pernambuco, segundo Rabello (1979), indica que foi através das mulheres dos pescadores que cantavam e dançavam, esperando seus maridos e filhos retornarem do mar. Esse movimento, de mulheres cantadoras, vem de uma tradição oral medieval, que foi suprimido na história da literatura, como dito por Lamaire (2016), em um dos seus artigos, no qual argumenta a quão obscurecida foi a história da literatura, e que ainda hoje continua sendo, colocando as vozes femininas sempre em segundo plano, como sendo os homens sempre os idealizadores e representantes mais significativos de todos escritos literários.

O meu propósito não é demonstrar mais uma vez o ridículo dessa historiografia nacional portuguesa, produto de uma época e ciência da literatura que os estudos pós-modernos já desmascararam como profundamente patriarcais e misóginas, cegamente scriptocêntrica e perigosamente nacionalista. Já se generalizou a consciência crítica, hoje em dia, de que foi através da transformação de seus preconceitos em pressuposto da nova ciência da literatura que os intelectuais, quase todos masculinos, brancos, e filhos das burguesias nacionais. Ao amontoarem no decorrer dos séculos XIX e XX, em cima dos próprios textos, interpretações e teorias que confirmavam e reforçavam os seus preceitos/pressuposto, eles transformaram os textos em palimpsestos que muitas vezes ocultam, mutilando, as mensagens emitidas pelas vozes medievais transcritas nos cancionários (LAMAIRES, 2016, p. 5).

---

<sup>1</sup> Baracho foi considerado rei da ciranda em Pernambuco, sendo ele também mestre de Maracatu.

O movimento da Ciranda, como ficou conhecido esse gênero da literatura popular, caracteriza-se pela formação de uma grande roda, geralmente nas praias ou praças, onde os integrantes dançam ao som de um ritmo lento e repetido, também guiado pela voz do mestre, cujas letras tratam, com frequência, de amor. E amor, em seu sentido *latu*, por que não se limitava apenas ao amor entre gêneros, ou ao fino amor, mas as letras desse lado do Atlântico, que vão além desse amor, amor a tudo, à natureza, às crianças, à juventude, à colheita, à pesca, à negritude.

Não se sabe, ao certo, quem ensinou essas pessoas a “cantarem” de tal forma e a usar os instrumentos específicos que se utilizam numa roda de Ciranda, em Pernambuco. Mas, ao que tudo indica, é que a performance, como colocada por Zumthor (2002), que os integrantes usam na hora da cantoria, não é propriamente ou unicamente nossa, ela veio na bagagem dos colonizadores portugueses que, aqui desembarcaram, deixando suas marcas e fazendo da nossa cultura um ambiente diverso e muito rico. Como dito por ZUMTHOR (2005, p. 86-7).

Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental [...] A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido.

Em outras palavras, significa dizer que jamais podemos analisar apenas a letra de uma Ciranda isoladamente, já que é fundamental conhecer o contexto de difusão do gênero, para poder entendê-lo por completo, em todas as suas significações, até mesmo porque para o mesmo autor, “não há oralidade em si mesma, mas em múltiplas estruturas de manifestação simultâneo, como dito por ZUMTHOR (2010, p. 29)”. A realização do gênero pela voz e pelo corpo – são primordiais ao texto, sendo assim, sem o corpo, seu par inerente, na voz não existe razão de ser – o efeito vocal carrega em si a noção de vida, de completude.

Entendemos que os estudantes possuem o direito de saber que todo texto promove uma “situação” real de interação frente ao leitor, uma das preocupações do mesmo autor; a relação “locutor-ouvinte”, que deve ser uma via de mão dupla, mas o autor acrescenta que, os gêneros orais apenas se realizam a depender dos graus de cumplicidade de ouvinte; então é necessário “perceber o texto concretamente realizado por ela” – *performance* – “numa produção sonora: expressão e fala juntas, no bojo de uma situação transitória e única”. (Zumthor, 1993, p. 219).

O autor é muito contundente na vinculação da voz com o corpo, afirmando que a primeira está no segundo e vice-versa. Na Ciranda e/ou em outros gêneros literários “a voz emana do corpo, mas sem corpo a voz não é nada”, como diz ele, e ainda ressalva que, por “ela o homem se situa no mundo em relação ao outro” A mistura, voz e corpo não são separados,



muito pelo contrário, o corpo é o condutor eficaz e vivo por onde transitam todos os movimentos referentes ao gênero em questão; cores, gestos, e sensações de toda narrativa cantada, envolvendo muitas vezes, figuras sinestésicas.

Para que se realize por completo a *performance* da Ciranda, é necessário que haja uma dança coletiva em que não haja preconceito em relação ao sexo, cor, idade, condição social ou econômica dos participantes, assim como não há limite para o número de pessoas que dela podem participar. A dança começa com uma roda simples e pequena, que vai aumentando à medida que as pessoas chegam para dançar. Podendo ser formada uma dentro da outra. Tanto na hora de entrar como na hora de sair, a pessoa pode fazê-lo sem dificuldade.

Outro ponto importante que é primordial trazer em pauta são as raízes externas da Ciranda, os estudos de Cascudo (1967), que trazem as “danças de roda”, como ele denomina o gênero, não como sendo de influência africana, nem ameríndia, e sim; europeia (cujos povos são muito misturados). Outro autor que também salienta as origens é Rabello (1979), que evidencia, em Portugal, uma roda de Ciranda existente em tempos longínquos, e, possivelmente, as origens desse gênero literário estejam nesse lugar.

Do outro lado do Atlântico, as trovas, como são conhecidas essas “letras” em Portugal, por exemplo, são conhecidas como sendo apenas de homens. Porém, na história da literatura medieval, sabe-se que muitas mulheres produziam suas canções e as entoavam pelos palácios e reinados. Elas foram denominadas Trobairitz, mas foram minimizadas pela história e ainda tiveram suas produções questionadas em suas, como afirma Lemaire (2016), ao ressaltar que “os autores masculinos que com intuição genial da alma feminina teriam posto as cantigas nas bocas das mulheres”. Não foi diferente aqui, a Ciranda inicialmente era cantada apenas por homens e ao longo da história foram sendo permitidas as mulheres.

Em Pernambuco, a Ciranda, além de variar de forma significativa as temáticas das suas letras, é coreografada de maneira que não exclua ninguém, afinal, mesmo vindo de povos colonizadores, o nosso povo atribuiu a esse gênero uma característica única e peculiar, *pernambucanamente* nordestina. Rabelo coloca que:

O ritmo, quaternário simples, lento, com o compasso bem marcado por um toque grave da zabumba (ou bumbo) na cabeça do compasso e toques abafados nos outros tempos, acompanhado pelo tarol, o ganzá, o maracá, é coreografado pelo movimento dos cirandeiros. São utilizados basicamente instrumentos de percussão e de sopro. Na marcação da zabumba, os/as cirandeiros/as pisam forte com o pé esquerdo à frente. Num andamento para a direita na roda de ciranda, os dançarinos dão dois passos para trás e dois passos para frente, sempre marcando o compasso com o pé esquerdo à frente. Os passos podem ser simples ou coreografados (1979, p. 79).

Trazendo de uma maneira bem literária, esse movimento remete, mimeticamente, às ondas do mar, e às mãos dadas remetem à importância de todos os lados, não sendo ninguém mais importante na roda; todos têm a mesma função e o mesmo valor. A Ciranda é uma dança aberta, é uma dança de todos. As coreografias, quando há, são muito individuais e são raras. O “brincante” pode aumentar o número de passos e fazer coreografias com as mãos e o corpo, sempre mantendo a marcação com o pé esquerdo à frente.

Como foi dito, a letra da Ciranda é improvisada, ou formulada previamente, mas não é registrada na modalidade escrita. De melodia simples, normalmente com instrumentos de sopro e percussão, para facilitar o acompanhamento, é entoada pelo mestre cirandeiro, acompanhada pelos tocadores e pelos “brincantes”.

O/A mestre cirandeiro (a) é o/a integrante mais importante da ciranda, cabendo a ele/ela “tirar as cantigas” (cirandas), improvisar versos, tocar o ganzá e presidir a brincadeira. Ele utiliza um apito pendurado no pescoço para ajudá-lo nas suas funções. O contramestre pode tocar tanto o bombo quanto a caixa e substitui o mestre quando necessário. As músicas podem ser as já decoradas, improvisadas ou até canções comerciais de domínio público transformadas em ritmo de ciranda. Pode-se destacar três passos mais conhecidos dos cirandeiros: a loa ou onda, o sacudidinho e o machucadinho. Alguns dançarinos criam passos e movimentos de corpo, mas sempre obedecendo a marcação que lhes impõe o bombo. Não há figurino próprio. Os participantes podem usar qualquer tipo de roupa e pode ser dançada durante todo o ano (RABELLO, 1979, p. 57).

## 2.1 PEDRA QUE CANTA - LIA DE ITAMARACÁ

A Ciranda pernambucana ganhou uma nova configuração com Lia de Itamaracá, como ficou conhecida a filha de um agricultor e de uma empregada doméstica, que nasceu e se criou na Ilha, ao lado de seus 13 irmãos. Seu nome de batismo é Maria Madalena Correa do Nascimento e é considerada Patrimônio Cultural Vivo de Pernambuco desde 2016, recebeu em 2004, das mãos do então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, o Diploma de Ordem do Mérito Cultural na classe de “Comendador”, do Povo Djola da Guiné-Bissau um “Certificate of Ancestry”, e possui o título de Diva Negra pelo New York Times. Trabalhou como cozinheira numa Escola Municipal, na Ilha de Itamaracá. Gravou, em 1977, “A Rainha da Ciranda”; em 2000, “Eu sou Lia”; em 2008, “Ciranda de Ritmos”; e, em 2011, “Eu Sou Lia / L'art du berimbau”.

As letras das músicas de Lia não são registradas em papel. São “gravadas” na memória, ou improvisadas, prova legítima de uma literatura que vem da tradição oral, sendo “poesia”, como colocado por Zumthor (2002, p. 15) que a define, como “arte da linguagem humana,

independente de seus modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas”

Uma das canções que Lia de Itamaracá interpreta foi gravada em 1977, em “Rainha da Ciranda”, e diz:

Eu sou Lia da beira do mar  
Morena queimada do sal e do sol  
Da Ilha de Itamaracá;  
Quem conhece a Ilha de Itamaracá  
Nas noites de Lia  
Prateando o mar  
Eu me chamo Lia e vivo por lá  
Cirandando a vida na beira do mar  
Vejo o firmamento,  
Vejo o mar sem fim  
E a natureza ao redor de mim  
Me criei cantando  
Entre o céu e o mar;  
Nas praias da Ilha de Itamaracá  
(DE ITAMARACÁ, 1977).

As letras das cirandas interpretadas por Lia de Itamaracá são letras que engrandecem a negritude de forma poética, as origens do mar e o ritual dos pescadores, a valorização da sua cultura pesqueira, Iemanjá, de quem ela diz ser filha. Exalta os acessórios da umbanda, embora diga ser católica apostólica romana.

O empoderamento das vozes femininas nas letras de Lia e de suas Cirandas é marcado de maneira muito evidente, claramente se percebe que, para ela, como maior representante da Ciranda em Pernambuco, não há distinção entre gêneros, etnias, fatores sociais ou econômicos, todos e todas nas suas trovas, são tidos (as) como humanos e dignos (as) de amar. Não há números de versos, ou metrificação para compor uma Ciranda, como se pode ver numa das canções do disco “Ciranda de Ritmos”, de 2008, de autoria de Lia:

Baixa Limoeiro que hoje eu quero apanhar limão,  
quero lavar as mágoas que tenho guardadas no coração  
(DE ITAMARACÁ, 2008).

A falta de métrica também pode ser vista em outra canção que engrandece uma religião de matriz africana, conhecida como candomblé, e diz:

Eu vi mamãe Oxum na Cachoeira,  
sentada na beira do Rio,  
colhendo lírio para enfeitar o seu gongá,  
colhendo lírio, lírio ê,  
colhendo lírio, lírio ah!  
(DE ITAMARACÁ, 2008).

Músicas que podem variar em letra e em forma de acordo com a performance que Lia deseja apresentar aos seus brincantes.

Vale ressaltar que as mulheres só cantavam Ciranda na década de 60/70 para dar respostas às cirandas guiadas pelos homens, como bem ressalta João da Guabiraba (2011), dizendo que o mestre cirandeiro tinha que levar as Cirandeiras para que elas cantassem as respostas das cirandas, deixando as vozes femininas em segundo plano. As mulheres eram levadas para, simplesmente, responder algo como o refrão. Lia foi uma mulher à frente de seu tempo, e inaugurou, ao lado de Selma do Coco, a voz feminina de maior destaque atualmente na Ciranda pernambucana.

Com uma história marcada por muitas tragédias, como o incêndio criminoso da sua casa na Ilha, e o momento em que foi enganada ao ter a oportunidade de gravar seu primeiro disco em 1977, e receber apenas 25 cópias do LP e nenhum direito de autorial, ela seu trabalho de dias e noites de gravação. A cirandeira, lutou, ficou conhecida e passou a ser admirada por muitos Pernambucanos. E com ajuda de seu atual empresário Beto, Lia já percorreu diversos lugares do mundo, levando sua identidade cirandeira e uma parte da cultura pernambucana. Foi homenageada em 2019 no Carnaval do Estado, que trouxe as mulheres como bandeira primeira.

Lia conheceu a fama, mas nunca conheceu a fortuna, como ela mesma diz em um de seus vídeos disponível no YouTube<sup>2</sup>, ela nunca quis sair de seu lugar, como ela mesmo diz:

“Essa é a minha praia. Eu sei que tenho que buscar fora fazer mais shows fora lotar teatros fora, mas eu volto pra cá. Meu mundo é aqui. Se quiserem me encontrar, me procurem aqui que irão me achar” (YouTube, 2008).

Ou ainda em:

“Eu gosto de sair daqui, fazer minha ciranda e voltar. Eu gosto mesmo é do povo daqui, do jeito simples das coisas. Gosto da muita frescura não, oxe!” (YouTube, 2008).

Lia é uma mulher de personalidade intensa, mas muito simples e bastante acessível, o que facilitou nosso trabalho com ela sobre sua obra. Tratando-nos muito bem desde o início.

Há outros cantores que transitam pelo mundo do Coco, que é um gênero muito confundido com a Ciranda, mas é importante destacar que:

O coco e a ciranda estão tão entrelaçados, que ao que tudo indica, a ciranda é uma modalidade originada do coco. Tanto que em algumas apresentações, o grupo que se exhibe com o público brincante que entra na roda, sem perceber, dança ciranda (MELO, 2010, p. 7).

---

<sup>2</sup>Vídeo disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FPPPg\\_UWtG0&t=973s](https://www.youtube.com/watch?v=FPPPg_UWtG0&t=973s). Acesso em: 03 jan. 2019.

A linha que separa o Côco e Ciranda é tênue, e muitas vezes, para quem não é da região litorânea de Pernambuco, pode ser que se torne quase imperceptível a distinção entre tais movimentos populares identitários.

Não vemos essa ocorrência como “boa” ou “ruim” simplesmente, a vemos como recorrentes, só queremos nos ater ao cuidado de um não se fundir por completo ao outro, e um deles deixar de existir, o que poderia ser uma perda cultural e identitária sem tamanho.

Selma do Côco<sup>3</sup>, as filhas de Antônio Baracho, Galo Preto<sup>4</sup>, Mestra Totinha<sup>5</sup>, todos esses cantadores conhecem a diferença entre um e outro, os “coquista” também levam poesia por todos os lugares que passam e fazem com que uma parte de nossa história não seja apagada, mas seja (re) pensada como parte da literatura não canônica, que faz parte da vida do povo.

Coco é muito conhecida por todo o Nordeste do Brasil, é uma dança de roda ou de fileiras mistas, de conjunto, canta-se em duplas ou individualmente e um refrão respondido pelos dançantes. A dança ou o sapateado conhecido como “tropel” ou “tropé” produz um ritmo que se adequa aos instrumentos musicais. Um pouco diferente da Ciranda, no Coco, há alguns instrumentos que, ora estão em um e não no outro, como o ganzá, surdo, pandeiro e triângulo, sendo o quinto instrumento a sandália de é, quase um quinto instrumento, diferente da Ciranda que tem os instrumentos de sopro como sendo esse quinto elemento. Além disso, a *performance* é completada com as palmas das mãos ritmadas ao som dos instrumentos.

---

<sup>3</sup> Cantora de coco famosa em Pernambuco;

<sup>4</sup> Mestre de coco, repentista e embolador;

<sup>5</sup> Cirandeira que também mora na Ilha de Itamaracá.

### 3 A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A LEITURA LITERÁRIA

Entendemos que é de suma importância abordarmos o que traz a Base Nacional Comum Curricular (doravante, BNCC), a respeito da leitura, da escrita, da oralidade, e da análise linguística. Tal documento deverá ser utilizado por todas as escolas de Educação Básica, a partir do ano vigente. A BNCC vem trazendo visões mais ampliadas, no seu sentido literal, pois ao lermos o documento, que fora construído por vários educadores, pais, e posto em consulta pública pelo Governo Federal, pode ser visto, pela maioria dos professores como atual, moderna e democrática, ressaltando a *interdisciplinaridade* que perpassa todo o documento.

A respeito das competências gerais nas linguagens e competências específicas na área de língua portuguesa, elas estão divididas em subtópicos que são: *componentes*, que se referem à disciplina; *área/faixa*, que se refere ao ano a que se destina tal tópico; *campo de atuação*, que entendemos ser o meio pelo qual a competência será desenvolvida com os estudantes; *objetos de conhecimentos*, vem como sendo os eixos a serem trabalhados com os alunos, que podem ser leitura, produção teórica, letramento literário, oralidade e *análise de discurso/semiótica*, habilidades que os alunos deverão desenvolver ao término do estudo e, por fim, os *comentários específicos*.

Como dissemos, embora não seja esse documento nosso objeto de estudo, perpassa por ele algumas das formas que enxergamos as competências a serem desenvolvidas pelos nossos estudantes ao final do Ensino Fundamental, anos finais.

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir

conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2018, p. 63).

Outro ponto considerável do documento é o que tange à oralidade, sendo também de grande relevância para nossa investigação. O contrato social em questão propõe:

1. Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemiose;
2. Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram;
3. Proceder a uma escuta ativa, voltada para questões relativas ao contexto de produção dos textos, para o conteúdo em questão, para a observação de estratégias discursivas e dos recursos linguísticos e multissemióticos mobilizados, bem como dos elementos paralinguísticos e cinésicos (BRASIL, 2018, p. 77):

Todas essas competências devem estar inseridas na área de linguagens, sendo elas língua portuguesa, artes, educação física e língua inglesa (BRASIL, 2018, p. 27). Portanto, ressaltar, no âmbito escolar, as diversidades de saberes dos estudantes é de fundamental importância para fazê-los se perceber como seres humanos detentores de direitos, dando a devida importância aos gêneros de cunho oral, que, por vezes, podem ficar em segundo plano. Porém, cabe à escola dar a esses saberes um lugar de (re) significação para que os estudantes possam se ver e se colocar como detentores de conhecimento de mundo, no mundo e para o mundo.

Ainda no mesmo documento, no tocante aos *campos de atuação*, vemos que este já contempla o termo “artístico-literário” e quanto às *práticas de linguagem*, a ênfase recai sobre a “leitura”. Não observamos, no documento, o uso do termo “letramento literário”, por nós já conhecido, confirmando, mais uma vez, o que colocamos acima, no tocante à interdisciplinaridade, já que os gêneros literários entram nas práticas de leitura, sem divisões, como era posto nos antigos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Básica. Sendo assim, corroborando a BNCC, entendemos que nosso aluno deverá, ao final da educação fundamental:

Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BNCC, 2018, p. 155).

Entendemos que os textos, os quais professores levam à sala podem e devem tratar de temas que possibilitem aos estudantes inferir valores sociais e culturais. E que tais valores compõem a sociedade de forma imbricada e multiforme.

Outro documento que entendemos garantir o direito de os estudantes angariarem diversos tipos de saberes, de forma interdisciplinar, crítica e reflexiva, são os Parâmetros

Curriculares para o Ensino de Língua Portuguesa de Pernambuco, (doravante PCELP), que traz a voz de Pérez e García:

[...] a leitura como instrumento útil de interpretação cultural favorece a apropriação da experiência e do conhecimento humano em um processo dialógico, mediante o qual o leitor tem acesso de forma dialética a outras informações, pontos de vista, representações, versões, visões, concepções de mundo. [...], mas essa leitura reflexiva só é adquirida com experiências de leitura significativa, aquela que satisfaz necessidades reais e insere-se em uma prática social (2001, p. 49).

Sendo assim, entendemos que a organização dos conteúdos proposta aos estudantes deve-se fazer, principalmente, por meio da relevância na prática social e que pode ser alcançada pela interdisciplinaridade, que é uma das formas de se estabelecerem relações entre os saberes. Quanto mais relacionadas e (re) significadas forem as experiências, maior a potencialidade de uso e de compreensão.

Nesse cenário, muitas vezes, constitui a escola o único local onde muitos dos nossos estudantes podem confrontar seus limites, ultrapassando-os em favor do estabelecimento de relações interdisciplinares. É necessário que o alunado seja levado a entender que o que traz de sua vivência social, também é conhecimento válido e deve ser valorizado e tratado em sala de aula como conhecimento essencial para (re) afirmar-se no mundo e para o mundo, de maneira eficaz.

Doravante, remetemos a Freire (2009) quando o autor se refere ao respeito à autonomia e a dignidade de cada um propondo essa atitude como um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Nas palavras do pensador, entendemos que as nossas escolhas, quanto ao que deve ser abordado em sala de aula, não devem levar em consideração apenas o que “*eu acredito*”, mas também, e, principalmente levar em consideração o que “*meu*” educando possui e aonde ele poderá chegar a partir de suas competências.

Os documentos supracitados, até agora, tratam a leitura como:

A concepção hoje predominante nos estudos de leitura é a leitura como prática social que, na linguística aplicada, é substituída teoricamente pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos de leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, deferindo segundo o grupo social (KLEIMAN, 2004, p. 14).

Os textos podem agir e ter valores diferentes para determinados indivíduos em seus diversos sentidos. Corroborando a perspectiva da leitura como uso social, como dito, entendemos que o aprendiz já chega à escola sabendo a língua, então, o que se deve ensinar são



os usos dela e suas muitas possibilidades, “não se deve tolher as capacidades já instaladas e interação”, como dito por Marcuschi (2008).

Ainda referente a interação, Geraldi também destaca que:

Nós nos constituímos no momento em que interagimos com o outro: O sujeito se constitui como tal à medida que interage com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto sempre inacabado” deste mesmo processo, no qual o sujeito internaliza a linguagem e constitui-se como ser social, pois a linguagem não é trabalho de artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e para os outros e com os outros que ela se constitui. Isto implica que não há um sujeito pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas nas falas dos outros (GERALDI, 1996, p. 19).

Diante de todos os autores citados, nossa instituição de ensino tem, por missão precípua, como posto em seu Projeto Político Pedagógico (2018/2019), (doravante PPP): “formar seres humanos com identidade, dignidade e que tenham a capacidade de intervir na sociedade de maneira transformadora e cidadã”. Nossa escola deseja ser reconhecida pelos resultados do processo de ensino aprendizagem, e esta pode ser posta, de maneira formal e informal, nas suas “interdisciplinaridades”.

O documento da escola na qual desenvolveremos o projeto de intervenção, em consonância com os demais já citados, ainda salienta a democracia do aprendizado e do estímulo à criticidade e à autonomia dos estudantes por meio da mediação dos professores, deixando as práticas dos educadores mais reflexivas e motivadoras. No caso de Língua Portuguesa, tentamos sempre tratar de assuntos que se referem à leitura já na perspectiva da proposta da BNCC, que não separa as áreas de conhecimento, mas as entrelaçam e as fortalecem em suas significações sociais, respeitando as diversas identidades da escola e entendendo a leitura como um processo e ato de premissa social e cultural, formando um ser autônomo e reflexivo de suas atitudes. Sendo assim, entendemos que o gênero textual oral “Ciranda” pode perpassar por todas as nossas perspectivas acima colocadas.

Escolhemos este gênero, pois a nossa escola também tem como um dos objetivos específicos desenvolver projetos educativos e socioculturais de relevância local, já que a referida escola está inserida em uma localidade que nasceu de uma miscigenação de índios, pescadores, colonos e pessoas que foram feitas escravas nos séculos passados.

A cidade de Goiana, na qual desenvolveremos nossa intervenção, possui traços históricos coloniais muito fortes, manifestações culturais populares como Caboclinhos<sup>6</sup>, Cavalo

---

<sup>6</sup> Dança herdada dos povos indígenas que habitavam na cidade de Goiana – Pernambuco.

Marinho<sup>7</sup>, Frevo<sup>8</sup>, Maracatu<sup>9</sup>, Burra<sup>10</sup>, além da Ciranda e muitas outras. Contudo estão presentes de maneira tímida na escola, sem contar que vários monumentos da cidade foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Cultura (doravante, IPHAN), ressaltando ainda mais os seu valor histórico-cultural.

Vemos essas manifestações culturais nas ruas da cidade tratadas “apenas” como folclore ou apenas “manifestação cultural”, no seu sentido mais simples, mas entendemos que tais manifestações devem ser trabalhadas na escola de maneira a levar os estudantes a refletirem as razões, as motivações, a preservação, a relevância social, de onde vieram, e porque fazem parte da nossa cidade de forma tão presente, ressaltando a relevância desses movimentos, já que entendemos que se conhecermos tais origens, teremos, assim, uma contribuição relevante na formação das personalidade/identidades, como salienta Oliveira (2010, p. 41): “[...] por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence”.

Entendemos o quão é importante o nosso estudante conhecer sua história, para que este possa entender e refletir sua posição/ visão de mundo, já que concebemos os gêneros de cunho literário como Candido (1989) que propõe os textos do universo literário como sendo “humanizadores”, pois reverberam o ser humano em suas amplitudes e necessidades individuais e coletivas, de modo a levar os estudantes a se (re) conhecerem.

A Ciranda é oralizada e sua execução é realizada por meio de canção. Nossa intenção não é ensinar os alunos a cantarem Ciranda, mas de terem uma nova visão sobre esse gênero oral, e as múltiplas formas de leitura, culminando em uma possível (re) construção identitária dos envolvidos. E quando nos referimos a estes estudantes/leitores, não estamos falando de sujeitos que saibam ler poemas, dramas ou ficção, mas o que queremos formar são leitores que entendam o valor e significação da construção de um texto e porque esse gênero é proposto dessa forma.

Entender todo o arcabouço produtivo da Ciranda e seu valor identitário para a comunidade que o produz pode ajudar os estudantes a perceberem que não é apenas o que está publicado em livros que se denomina literatura, pois compartilhamos da seguinte ideia de que:

Qualquer texto escrito, seja ele popular ou erudito, seja expressão de grupos majoritários ou de minorias, contenha denúncias ou reafirme o “status quo”, deve passar pelo mesmo crivo que se utiliza para os escritos canônicos: Há ou não intenção

<sup>7</sup> Dança Típica da cidade de Condado, em Pernambuco, que simula uma roda de Capoeira

<sup>8</sup> Patrimônio Cultura Imaterial de Pernambuco;

<sup>9</sup> Manifestação Cultural de Pernambuco

<sup>10</sup> Manifestação artística da Zona da Mata Norte de Pernambuco, onde as crianças saem dançando ao som de tambores, vestidos com roupas cujo face é o rosto do Jumento.

artística? A realização corresponde à intenção? Quais os recursos utilizados para tal? Qual o significado histórico-social? Proporciona ele o estranhamento, o prazer estético? (BRASIL/MEC, 2006, p. 57).

Pressupomos, assim, que nossos estudantes precisam ser estimulados a refletirem sobre o processo de construção de literatura que existe ao seu redor, que, muitas vezes, não é vista como tal, pois, durante muito tempo, acreditou-se que a literatura era apenas os livros “clássico”, porém trazemos o que Candido (1989) sugere em seu texto sobre a definição de literatura no que se refere a introdução de todos os textos, sejam escritos ou oralizados, quer sejam populares ou eruditos, pois carregam a identidade de um povo.

Os estudantes podem perceber-se como integrante da cultura “*Cirandeira*” que, muitas vezes, pode ficar submersa em conhecimentos como tidos “formais”, apenas. No que se refere às “minorias”, muito há o que se refletir e encaminhar os estudantes a compreenderem que tal posição não se dá por quantidade de indivíduos, mas sim, pelo poder de ser ouvido que certos indivíduos possuem. Entendemos que, por meio de textos que fazem parte do dia a dia dos estudantes, podemos levá-los a se conhecerem mais e melhor, já que os textos literários possuem por si “uma leveza, exatidão, visibilidade, multiplicidade” como diz Calvino (1995). Na escola, os discentes podem passar a entender que o quê ele escuta nas ruas da nossa cidade de forma oralizada, possui inúmeros recursos de uso da linguagem, como a figurada, bem como outros recursos de significação, estéticos, além das questões históricas carregadas de cultura local, validando seus conhecimentos, o que pode ajudá-lo a sentir-se pertencente a ela ou não.

Temos essa possibilidade por via de um dos documentos locais que trata a terminologia “letramento literário” são os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa da Educação Básica de Pernambuco, (doravante PCELP) que tratam a prática do literário na sala de aula.

Sendo assim, a escola tem o papel de ajudar os indivíduos a se (re) conhecerem como pessoas que conhecem o produto cultural a sua volta de maneira valorativa.

Muitas vezes, algumas escolas acabam se tornando um local que silencia algumas representações da culturais, e por sua vez, a história de um povo acaba-se por apagar-se na localidade, embora pareça para meio aterrador, tal colocação, em nossas passagens por diversas unidades escolares, observamos que em muitas situações, a cultura onde a unidade está inserida é tida como “marginal”, vista como “cultura pobre” ou até promíscua. Sabemos que não existe “cultura pobre” e sim, culturas diferentes, que por sua vez, devem receber um olhar igualitário em sua totalidade. Por isso, alguns professores devem perceber-se como mediadores, podendo escolher temas que estejam inseridos na realidade dos estudantes para ajudá-los a si (re) conhecerem como sujeitos, e que a “questão da identidade cultural, de que se faz parte a

dimensão individual e a de classe dos educandos é absolutamente fundamental na prática educativa, sendo uma realidade que não pode ser desprezada” como posto por Freire (2009, p. 43).

É preciso ser sensível às histórias de vida, de cultura, de saberes que devem ser (re) significadas e valorizadas, contribuindo para a manutenção das identidades culturais locais e a sua conservação. E quando falamos em “identidade”, estamos nos remetendo e retomando a colocação de Hall (2015), quando ele se refere ao “sujeito sociológico” que deixa de ser unificado e previsível e passa a ser um sujeito “pós-moderno”, ou seja, aquele composto não só de uma identidade, mas de várias delas, pois deixa de ter uma “identidade fixa, essencial ou permanente”, relativamente estática.

Mais uma vez, reportamos ao PPP (2018/2019) da nossa escola que assegura, em seu objetivo geral, a:

Promover uma educação inovadora através de práticas pedagógicas que permitam a reflexão-ação-reflexão que oportunizem a aprendizagem significativa para formar cidadãos criativos, críticos, éticos, participativos e solidários a que aprendam a aprender e aprendam a ser e a conviver em sociedade (p. 09).

Os nossos educandos, merecem ter o direito de compreender seu lugar como seres em constante transformação, reportando-nos à identidade “não” fixa e às razões pelas quais estamos e pensamos. Tais razões podem flutuar por diversos espaços, sejam eles sociais, culturais e/ou econômicos. Sabendo disso, nosso PPP ainda traz, em sua organização curricular, a proposição que se refere a princípios educacionais garantidos à educação, como conjunto de valores e práticas que propiciem a produção, a socialização de significados no espaço social e contribuem, intensamente, para construção de identidades socioculturais dos estudantes, entendendo-as como em constante construção.

#### 4 AS IDENTIDADES E A ESCOLA

Levá-los a perceber que somos compostos de muitas identidades e que elas devem ser sempre (re) pensadas e jamais cobertas pelas cobranças de uma sociedade moderna, já que, como posto por Hall (2015), “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente descoladas”. Reafirmando tal colocação podemos trazer a citação de Candau que nos leva a entender que:

[...] as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de “traços culturais” – vinculações primordiais –, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações, contexto, circunstâncias –, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de “visões de mundo” identitárias ou étnicas (2016, p. 27).

Bem como ressalta também Bhabha (1998) “...o deslocamento cultural como histórico do mundo Pós-Colonial, propõe a identidade cultural não pode sendo única, uma vez que a diversidade cultural é global e o deslocamento identitário cultural é constante”, sendo assim, é fundamentalmente importante que entendamos que somos compostos por diversas culturas, desde a chegada os Portugueses em 1500. Os nossos “descobridores” trouxeram o consigo, seu modo de vestir, comer, comercializar, que se agregou ao nosso modo de viver. Desde o “achamento” do Brasil em 1500, o trânsito entre pacífico e atlântico sempre foi intenso, os que chegaram ao nosso continente trouxeram um pouco de si e levaram um pouco de nós, e até os dias de hoje permanece assim, mas não apenas com as culturas citadas, mas muitas outras de muitos outros lugares e espaços. Essas trocas de “informações culturais”, “modo de vida”, há alguns anos era mais demorada em virtude das travessias oceânicas, que naquele momento do Brasil, eram muito longas.

Em contrapartida, a maioria dos estudantes, que temos na escola atualmente está vivendo a era da globalização virtual de maneira intensa, desde seu nascimento, ou antes, mesmo de nascerem, estamos falando de nativos digitais, de conhecimentos e informações à palma da mão, de necessidades de “estrelato” imediato, de usos das redes sociais quase que como alimento, de uma sociedade de mudanças quase que instantânea, de uso de novos símbolos significativos de maneira constante. Como a escola é uma instituição onde estão inseridas várias pessoas, de idades e culturas diferentes, temos os estudantes da EJA, que não são nativos digitais e que em sua maioria, nem sempre tem tanta facilidade de domínio ao mundo virtual nas mãos, podendo ficar muitas vezes, sem acesso a essas constantes mudanças. Porém, esses mesmos estudantes convivem com os nativos digitais, seja na escola, seus filhos

ou netos, vivendo essas intensas mudanças e essa avalanche de informações muito próximo a ele. O que pode dificultar as relações já que um indivíduo não se vê no outro ou vice-versa. Os estudantes da EJA precisam de um olhar igualitário para não se tornarem menos vistos ou com menos importância na escola pelo “estilo de vida moderno, e instantâneo”.

É importante trazer, em pauta, na escola, questões referentes ao que perpassa em nosso redor e não tem sido visto como importante ou que tem visto apenas como “diversão”, “passatempo”, mas que carrega a história de um povo e de seus percursos identitário. As memórias, as práticas, os saberes, os dizeres, a modo de vida, alimentação, estética ou as visões de mundo que cada um possui, fazem parte do patrimônio cultural e identitário, para que os estudantes se percebam como seres de “*fazedores*” de diversos saberes e não apenas “*consumidores*” deles.

Assim fazendo, podemos colaborar para o fomento de uma manifestação cultural literária que pertence à classe das “minorias”, que podem e devem estar dentro das salas de aula de maneira mais significativa para que tanto o educador quanto o educando sintam-se estimulados a continuar aprendendo, enriquecendo suas aprendizagens e suas vidas em comunidade, podendo ajudá-los a se tornarem seres autônomos e críticos.

## 5 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A finalidade da investigação, proposta como “pesquisa-ação”, é a transformação da realidade que afeta diretamente as pessoas envolvidas; - existe uma estreita interação/combinção entre a investigação e a prática, entre o processo de investigação e o momento da ação interativa, como propõe Franco (2005). Ambas, iluminadas pela teoria e realizadas com a participação dos envolvidos, supõem a superação da relação de distanciamento entre o pesquisador, que tem um suporte teórico e metodológico, e as pessoas envolvidas, que contribuem com suas experiências, vivências e conhecimentos de sua realidade, ampliando, sobremaneira, a forma de entender e intervir adequadamente no fato social. Tal conduta metodológica entre iguais tem com o propósito de realizar um trabalho de conjunto, sendo um instrumento intelectual a serviço da população (pesquisadores ou profissionais), quando o utilizam para ajudar a (re) construir um conhecimento mais verdadeiro e completo possível da realidade que desejam transformar.

### 5.1 CONTEXTO DA PESQUISA (Um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos)

Nossa intenção com esta proposta de intervenção busca dar ao estudante o direito de viver em sociedade de maneira a inserir-se socialmente e culturalmente consciente de suas escolhas e de suas vivências. É notório, em nossa prática educativa perceber que ainda existe uma confusão grande para muitos educadores e muitos educandos em saber o que é alfabetização e letramento e a autora, na abertura do tópico anterior, consegue trazer de maneira congruente o que entendemos acerca do educando da EJA e da nossa postura como educador.

A esse respeito, Soares refere que:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 2003, p. 37).

Percebemos que ao longo desse caminho, uma boa parte dos estudantes não entendem que a aprendizagem não se dá também pela inserção a cultura e ao reconhecimento de si e do outro. É importante desde já deixar claro que, o processo educacional é complexo, em todos os tempos e modalidades, mas ainda na atualidade, uma parcela dos nossos estudantes não teve ou não tem acesso à educação formal, dentro de uma instituição formal, se é que assim podemos

denominar a escola, nossa proposta também perpassa a ideia de desmistificar que o único lugar que possui conhecimento seria a escola. Ao final da intervenção, nosso estudante entendeu que os conhecimentos locais são tão válidos quanto os formais. A modalidade na qual nossa investigação foi desenvolvida foi a Educação de Jovens e Adultos, e os educadores e a unidade escolar que se comprometem com a EJA, devem possuir consciência da necessidade de buscar mecanismos, métodos e teorias que estimulem o público alvo a não se evadir. A adequação dos conteúdos e de métodos incessantemente cada vez mais relacionados à realidade dos estudantes, inserindo no currículo a realidade dele, valorizando esses conhecimentos externos, corroborando os pensamentos freireanos que não somos tabuas rasas e todos temos algum tipo de conhecimento que deve ser compartilhado e valorizado na escola.

Muitos dos estudantes da EJA ainda não sabem ler, escrever ou fazer cálculos, sentem-se tímidos em fazer leituras de qualquer texto. Sabendo disso, a escola não pode ignorar esses alunos, a instituição de ensino para alguns desses alunos, vai para além de lápis, caderno, livros, ela é uma instituição de sociabilização, de encontros, de desabafos, que ajuda muitos estudantes ainda a se manterem “acordados” em meio a um turbilhão de cobranças externas. Sendo assim, no contexto da EJA, as concepções de Paulo Freire, jamais poderiam ficar de fora, como vemos em uma de suas colocações sobre o educando “entender” a consciência de si e do outro no processo de aprendizagem, tornando-se sujeitos de sua aprendizagem:

[...] A conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece [...] A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo (FREIRE, 1980, p. 26-27).

Entendendo desta maneira, a escola como um lugar onde o estudante se vê e gosta do que vê, além de valorizar os outros e aprende a lidar com o diferente por meio de para as mudanças e transformações que se faz necessário à prática educativa.

É importante deixar claro que a unidade em que desenvolvemos o projeto de intervenção, é uma escola que prima pelos pensamentos libertários, democráticos e plurais. Tem um olhar cuidadoso com os diferentes e com as diferenças. Como posto no Projeto Político Pedagógico da Escola (2018/2019, p. 8) (doravante PPP), que afirma logo em sua apresentação que somos uma “escola crítica e democrática”, lançando assim, luz sobre o documento que rege nosso país, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205 que garante que: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração



da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho [online].

Nossa proposta é cumprir um papel mediador de deveres e direitos dos nossos estudantes, guiando-os a se conscientizarem de seu desenvolvimento como pessoa e ajudando-os a desenvolver habilidades amplas de cidadania.

## 5.2 A ESCOLA E SUA LEGISLAÇÃO

Reforçando as propostas educacionais nacionais, nosso PPP garante o direito dos estudantes. Nossa unidade escolar está localizada na Av. Nunes Machado s/nº (uma das principais vias de acesso a BR 101 Norte), no município de Goiana, cidade limítrofe entre os Estados de Pernambuco e Paraíba, atualmente considerada Região Metropolitana do Recife. Por quase 500 anos o município integrava a zona da mata norte de Pernambuco, com seus aspectos sociais de ruralidade marcados pelo cultivo da cana de açúcar, já que a região era tomada por usinas açucareiras.

É válido lembrar que a cidade de Goiana tem 449 anos e faz parte da história de Pernambuco, por seus elementos históricos e políticos significativos até hoje. As heroínas de Tejucupapo, um fato histórico do qual os holandeses não se esquecem nem o povo da região, já que por essa região praieira os invasores tentaram tomar a região em busca de alimentos e um fruto típico da região, o caju, mas foram vencidos por mulheres que, com panelas, paus, água quente, facões e pimenta, expulsaram os holandeses com uma grande emboscada em 23 de abril de 1646. Esse evento histórico é lembrado anualmente em encenação teatral, sempre na época da emancipação da cidade. Goiana também é considerada “Terra dos Caboclinhos”, já que essa terra era habitada por índios, antes da “colonização”. O título foi recebido no ano de 2015, porém já se vive esse fenômeno cultural/identitário há muitos anos, com encontro anual de Caboclinho, ressaltando e mantendo a cultura indígena na cidade.

É importante ressaltar que Goiana foi uma das portas de entrada que os portugueses usaram para adentrar ao continente, e essa entrada se deu pela cidade de Pontas de Pedras, no litoral, em 18 de agosto de 1501, na primeira expedição comandada por Gaspar de Lemos e Américo Vespúcio. Há também igrejas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, (doravante, IPHAN), denominadas como Conjunto Carmelitas de 1666, que abarca a Igreja dos Homens Pretos (1596), a Igreja dos Homens Pardos (1615), Igreja dos Homens Brancos (1600), cujas torres veem-se ao longe. Na cidade, não pode haver prédios ou quaisquer construções que ultrapassem as torres das igrejas. Porém, grandes empresas têm chegado à

região e mudado consideravelmente sua configuração, trazendo pessoas de fora do Estado e do Brasil, e alterado a cultura local.

Atualmente, as Usinas Açucareiras de Goiana e Região entraram em colapso financeiro, em muitos casos pedindo falência e deixando uma parte da população economicamente ativa, desempregada. A chegada da JEEP/ FIAT, empresa italiana, tem usado uma parte dessa mão de obra. O polo farmacológico, a Hemobrás, a Fábrica de Vidros, a Klabin; poderosa da reciclagem mundial tem contribuído para mudanças na economia local e mundial. Chegaram Faculdades Particulares e a Autarquia de Ensino Superior de Goiana ampliou seus cursos e horários para atender a necessidade da região em grande expansão econômica, e com ela cultural/social. Se for levado em conta que toda essa transformação aconteceu em pouco mais de 07 anos desde o anúncio da vinda das multinacionais, temos muito a pesquisar.

Em meio a tantas mudanças, a instituição escolar na qual vamos desenvolver o projeto de intervenção, é uma das mais antigas, fundada em 1967 e recebeu o nome do Coronel José Pinto de Abreu, que foi Prefeito da cidade na década de 1920 e de 1930, por indicação do Interventor Estadual na Era Vargas. Sabe-se, pelos bastidores da cidade, que o Coronel era um homem de boas intenções políticas e pessoais para com a região da zona da mata, sempre buscou o desenvolvimento da cidade; seu governo fora de grande representatividade para região, já que o mesmo buscava atender às necessidades do povo.

Na época em que a instituição de ensino fora inaugurada, ofertava exclusivamente, o ensino fundamental anos iniciais, somente nos anos de 2000 deram-se início as aulas para ensino fundamental anos finais, 2006 ensino médio e 1999 Educação de Jovens e Adultos.

Hoje, a instituição busca preservar e enaltecer as culturas locais envolvendo os mais de 800 alunos de todas as modalidades, em diversas atividades que buscam contribuir para a autonomia e fomentar a participação dos próprios alunos no decorrer do ano letivo, levando-o a não abrir mão do global em detrimento do local e refletir sobre tais mudanças.

### 5.3 CARCTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

A Educação de Jovens e Adultos é a modalidade de ensino destinado a um público que não teve acesso ou que não puderam concluir o ensino na idade própria, ofertada a jovens a partir dos 15 anos de idade, pelas secretarias de educação, presencial ou a distância. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.304, de 1996, no artigo 37, a garantia de continuidade e acesso aos estudos para aqueles que não tiveram oportunidade em idade adequada, é clara.

O parecer CEB/2000 que regulamentou “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos” (CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000), propõe que a EJA não possui somente a função de suprir apenas a escolaridade perdida, mas também tem uma função reparadora, qualificadora e equalizadora. Diante de tantas necessidades inerentes a essa modalidade de ensino, a EJA apresenta muitos percalços, principalmente por ser uma alternativa para amenizar os problemas relativos a exclusão social.

A Resolução CNE/CEB n.º 3/2010, propõe ainda um olhar específico sobre a gestão escolar, a garantia de qualidade (social) do ensino proposto, como posto abaixo:

Toma como referência a garantia de qualidade, considerando a ideia de um padrão mínimo de qualidade, trazendo variáveis importantes: a garantia de acesso com permanência na escola; a redução da evasão; a redução da retenção; a redução da distorção idade/série na escola regular; a centralidade no estudante com ênfase na sua aprendizagem; o foco no projeto político-pedagógico, no regimento escolar, na preparação dos profissionais da educação, na integração dos profissionais da educação com os estudantes; com os agentes da comunidade interessados na educação e vice-versa. Também ressalta a importância de se atentar no planejamento das ações da escola, no currículo proposto, no diagnóstico da realidade concreta dos alunos da EJA, nas ações de acompanhamento sistemático dos resultados do processo de avaliação interna e externa, na atenção a gestão, na definição de indicadores de qualidade social e por fim na clareza quando ao que seja qualidade social da aprendizagem e da escola (BRASIL, 2010).

Tais trechos das leis e resoluções tornaram nossa proposta mais segura, fazendo que nossa proposta de intervenção se volte à modalidade descrita acima, pois diante das mudanças que estão ocorrendo na cidade efemeramente, entendemos que, com esses estudantes, teremos mais “liberdade” de intervir de maneira mais eficaz e de qualidade social. Nosso grupo de continue de 10 homens, 12 mulheres, entre 18 e 45 anos, sendo 18 habitantes da própria cidade, e outros quatro estudantes da cidade de Caaporã na Paraíba.

Percebemos que muitos de nossos estudantes não são letrados no gênero literário Ciranda e buscamos, assim, uma amplitude desse letramento, incluindo-os em um universo próximo a eles para o processo seja mais atrativo e significativo para os estudantes da nossa instituição, sendo assim, a proposta de alfabetização crítico-emancipatória aliada aos usos sociais da leitura, valida nossa perspectiva. Kleiman (1995) propõe que o estudante necessita saber usar a leitura em sua vida cotidiana, de maneira dialógica, interativa, crítico-social-política. E quando falamos aqui em leitura, estamos nos referindo a todos os tipos de leitura que se possa fazer em slongs, panfletos, jornais, livros, cartilhas, bulas e no nosso caso, no gênero literário “Ciranda”

Outro fator que nos levou a perceber que a Ciranda de Lia deveria ser trabalhada na escola, com os estudantes da EJA, de maneira mais (re) significativa foram os temas, ou a

diversidade deles que podem ser trabalhados com os estudantes em sala de aula, o empoderamento da mulher, o amor as coisas simples que a vida nos propõe, as formas de trabalho, as formas de amor e amar, assuntos que fazem parte do cotidiano dos estudantes e que podem e devem ser debatidos para dar-lhes uma outra possibilidade de enxergar o mundo a sua volta. Levá-los a questionarem-se a relevância desse gênero literário que é visto por muitos, como menor ou quase invisível.

Além do fato de propor uma reflexão sobre as identidades que nos compõem, como proposto em Hall:

[...] a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (2015, p. 38).

Acreditamos ser de extrema importância que os nossos estudantes sejam levados a esse conhecimento de que somos frutos de uma longa história e que a estamos sempre em constante mudança. A Ciranda nos permite passear por desde a nossa colonização até os dias atuais, como um gênero literário atemporal, que também já sofreu diversas mudanças, mas que não deixa de carregar consigo a identidade de seu povo. E ser levado a perceber essas transformações constantes pode nos ajudar a entender a nós mesmo e o outro, contribuindo para uma educação mais humanizadora e libertária, como dita por Freire (1996).

## 6 INTERVENÇÃO DO PROJETO

É importante começarmos nossa proposta ressaltando que o programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) foi criado com o propósito de ampliar a qualificação dos professores de Língua Portuguesa para seu exercício do magistério do Ensino Fundamental, objetivando elevar a qualidade do ensino dessa disciplina fundamental e obrigatória em todo território nacional. Assim sendo, trata-se de um programa de uma pós-graduação *strictu sensu* que possui uma forma de entender a prática docente e propõe união entre a teoria e a prática, a primeira fornecendo subsídios para promover a segunda com eficiência.

É válido salientar que, em conformidade com a natureza da pós-graduação de cunho profissional do PROFLETRAS, escolhemos adotar a metodologia da pesquisa-ação. O pesquisador Michel Thiollent menciona que, dentre das muitas possibilidades de definição desse tipo de pesquisa, adota o seguinte conceito:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica não que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (1996, p. 13).

Segundo proposta pelas palavras do autor, a pesquisa-ação como o nome bem sugere, refere-se uma pesquisa com foco em uma ação, e trata de uma pesquisa que não tem caráter analítico, apenas, busca da mudança de uma realidade estratificada, propondo a solução de um problema ou, ao menos, o início de uma transformação de pensamento e consequentemente, de postura social.

Diferentemente das pesquisas tradicionais, que partem da teoria para a prática, a pesquisa-ação escolhe partir de uma proposta empírica. Mas não se trata de deixar a teoria de lado, ou negá-la, como afirma o autor ao se referir tal metodologia:

Embora se privilegie o lado empírico, nossa abordagem nunca deixa de colocar as questões relativas aos quadros de referência teórica sem os quais a pesquisa empírica – de pesquisa-ação ou não – não faria sentido. Essas questões são vistas como sendo relacionadas ao papel da teoria na pesquisa e como contribuição específica dos pesquisadores nos discursos que acompanham o desenrolar da pesquisa, levando a uma deliberação acerca dos argumentos a serem levados em conta para estabelecer as conclusões (THIOLLENT, 1996, p. 08).

Outro fator que merece atenção em relação à pesquisa-ação, é que fica clara a necessidade da participação das partes envolvidas na pesquisa (pesquisador e participantes) de maneira ativa e eficiente. “Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a

“dizer” e a “fazer” (THIOLLENT, 1996, p. 16)”. Talvez, por isso, esse tipo de pesquisa se mostre como uma alternativa viável em diversas áreas (sociologia, psicologia, educação etc).

Sobre o seu uso na área educacional, Engel (2000, p. 182), afirma que: “a pesquisa-ação é, hoje, amplamente aplicada também na área do ensino. Nela, desenvolveu-se como resposta às necessidades de implementação da teoria educacional na prática da sala de aula”.

Antes disso, a teoria e a prática não eram percebidas como partes integrantes da vida profissional de um professor, e a pesquisa-ação começou a ser posta com a intenção de ajudar aos professores na solução de seus problemas em sala de aula, envolvendo-os na pesquisa (ENGEL, 2000).

Dessa forma, a pesquisa-ação, com seu caráter intervencionista, se enquadra perfeitamente tanto ao PROFLETRAS quanto ao contexto a que pertence essa pesquisa, uma vez que envolve a professora, no papel de pesquisadora, e seus alunos, ambos como participantes ativos no seu desenvolvimento.

## 6.1 DESCRIÇÃO GERAL DO PROJETO DE INTERVENÇÃO AOS PROFESSORES, EDUCADORES DE APOIO E A GESTÃO

Entendemos a educação escolar como o próprio PPP da instituição propõe democrática e transparente. Sendo assim, reunimo-nos com os demais professores da escola para mostrar nossa proposta, certos de que teríamos o apoio e o suporte de todos para que o trabalho fosse desenvolvido de forma plena e eficiente.

Todo o projeto de intervenção foi explicitado aos professores e educadores de apoio da Unidade Escolar, em uma reunião no dia 28 de abril de dois mil e dezenove, na qual foram colocadas as propostas, os prazos, e a importância do desenvolvimento do projeto na escola, levando em consideração o Projeto Político Pedagógico da instituição, como dito acima, que visa a valorização da partilha de propostas entre os docentes e a valorização dos saberes de fora para dentro da instituição e vice versa. Além da valorização dos conhecimentos dos estudantes e suas possíveis identificações identitárias, estavam presentes, na apresentação, os professores do horário noturno, os quais trouxeram contribuições de grande valia para o andamento do nosso projeto.

Um dos professores trouxe a proposta de ampliarmos o projeto e aproveitarmos o ensejo para envolver as outras turmas em um Projeto Cultural, a exemplo do realizado na “Feira de Ciências”, com as adaptações referentes ao público da Educação e Jovens e Adultos. A proposta foi recebida, discutida e acordada entre os professores. Depois das considerações

feitas, decidimos que todas as turmas apresentariam no dia onze de junho de dois mil de dezenove, um trabalho desenvolvido em parceria com as demais turmas, uma amostra sobre as manifestações culturais da cidade de Goiana.

E assim, foi realizada, na data posta acima, na oportunidade, aos alunos apresentaram trabalhos culturais que foram intitulados “*Os lugares de Goiana*” e tiveram grande pertinência para a nossa proposta, pois esses trabalhos abriram horizontes, dantes aparentemente ofuscados. Os estudantes falaram sobre os pontos turísticos da cidade, as comidas e danças típicas, e economia e política local. Foi um projeto geral, mas como dito acima, já prepararam os estudantes para o que viria mais a frente. Neste dia, conseguimos levar uma parte da Tribo Sete Flechas<sup>11</sup> para a escola e eles dançaram lindamente, envolveram os demais estudantes que quase não queriam ir embora da escola, mas infelizmente, temos os horários que os estudantes pegam seus ônibus para irem para casa, pois muitos deles não moram na parte central da cidade, moram em zona urbana, mas mais ao litoral.

## 6.2 UMA BREVE PAUSA PARA OS TCF’S

Antes mesmo de começarmos a desenvolver nossa intervenção, foi preciso conversar com os estudantes sobre o desenvolvimento do TCF’s, destacamos a importância da pesquisa para o bom desenvolvimento da nossa proposta, afinal é o TCF nosso produto a ser apresentado na culminância da intervenção. Embora não seja ele, nosso objeto de estudo central, entendemos ser de valor significativo trazer essa abordagem nesse momento. Essa conversa com os estudantes foi interessante e de grande valia para a nossa futura prática, uma vez que muitos deles ainda não conheciam os critérios para a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso e seus desdobramentos, nem tinham ouvido falar a respeito.

Na nossa primeira conversa com os estudantes sobre a produção científica, havia um representante da Gerencia Regional de Ensino (GRE), Nazaré da Mata, que veio a escolar para conversar com os estudantes sobre a proposta dos TCF’s e sua vital importância na formação estudantil desses estudantes, ele fez as colocações pertinentes ao tema. Esse momento foi rico em resolução de dúvidas dos alunos, já que foi o momento em que eles souberam o que precisavam fazer para alcançar o certificado de conclusão de Ensino Fundamental. Como posto no site da secretaria da educação em 2016, ainda válido e com mais rigor no ano vigente:

---

<sup>11</sup> Tribo de Caboclinhos de Goiana, considerada uma das mais antigas da cidade.

A Secretaria Estadual de Educação está implantando uma novidade na área pedagógica: o Trabalho de Conclusão do Fundamental (TCF). Já valendo a partir deste segundo semestre de 2016, todos os estudantes do 9º ano da Rede Estadual que estão concluindo esta fase dos estudos para avançar para o ensino médio vão se dedicar ao TCF, com base em investigação científica, valendo certificado de conclusão. O objetivo é despertar nos meninos o interesse pela pesquisa, planejamento e investigação, a partir de algum tema que o grupo tenha vontade de saber mais, diagnosticar, intervir na realidade. Os temas serão de livre escolha dos grupos – que podem ter até seis integrantes –, e eles terão um professor como orientador dos seus projetos, que pode ser do componente curricular que esteja mais ligado aos seus temas. O resultado pode ser um aplicativo, uma exposição, uma maquete, um vídeo, entre outras possibilidades. As escolas vão fixar a data, que coincidirá com o período de encerramento do calendário escolar, e como se dará a apresentação destes trabalhos. Aproximadamente 45 mil estudantes devem participar desta primeira etapa do projeto. “É uma ação inovadora, voltada para os estudantes do 9º ano do ensino fundamental, com o objetivo de despertar o interesse deles para a investigação científica”.

Essa é uma informação importante para que os alunos consigam entender os passos e a maneira como os TCF's devem ser apresentados, em consequência dessa conversa, houve a necessidade de reformularmos um ponto da nossa intervenção, pois como percebido e dito pelos estudantes, eles não conheciam como se fazia um trabalho de pesquisa nessa categoria e como esse é um produto que deverá ser apresentado ao final da nossa intervenção, achamos por bem e, tendo em vista a necessidade, dar algumas aulas aos nossos alunos sobre a proposta e de forma eficaz, além disso trazer para eles o que eles realmente precisarão fazer ao final da intervenção.

Sendo assim, passamos então, a conversar com os estudantes sobre a forma como esses TCF's deverão ser elaborados em passos, ou seja, fomos mostrando a eles como se faz uma pesquisa acadêmica, é válido ressaltar aqui, nesse momento inicial, que a pesquisa dos estudantes, não tem proposta de ser inédita ou de linha academicamente profunda, trata-se apenas de uma iniciação, uma proposta para que eles façam uma pesquisa com um olhar local, já que deverão buscar situações, ações, personalidades locais e/ou regionais a fim de apresentar para os demais colegas da unidade escolar e trazer uma nova forma de ver tal proposta.

O primeiro passo foi perguntar aos estudantes se eles já tinham feito tal pesquisa, quase todos responderam que nem sabiam o que era, eles até comentaram que achavam que sabiam o que era, mas nunca haviam feito. Sabendo disso, então, resolvemos indicar os tópicos da pesquisa e como eles deveriam elaborar. Introdução, Justificativa, Fundamentação Teórica, Conclusão, além dos aspectos pré e pós textuais foram sendo explicados um a um, em dias específicos como na tabela abaixo:

A tabela abaixo, contém os dias, a quantidade de horas/aula e os tópicos a serem estudados para o desenvolvimento do TCF.



**Tabela 1:** Desenvolvimento do TCF

|                                  |            |               |
|----------------------------------|------------|---------------|
| Introdução, justificativa        | Dia: 09/05 | Hora/Aula: 2h |
| Fundamentação Teórica, Conclusão | Dia 15/05  | Hora/Aula: 2h |
| Elementos Pré e Pós textuais     | Dia 22/05  | Hora/Aula: 2h |

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

“*Como fazer um Projeto de pesquisa passo a passo Aula completa*”, posta do Youtube<sup>12</sup>, foi um dos recursos que usamos a fim de deixar as aulas menos teóricas, do ponto de vista, pedagógico, entendemos essa aula/vídeo como uma forma de sair da rotina quadro/piloto/caderno e como dito pelo próprio professor que dá aula no canal, ele escreve no link:

Neste vídeo da série Metodologia da Pesquisa, vamos apresentar como fazer um projeto de pesquisa, discutindo passo a passo todas as etapas que seu projeto deve conter. O projeto apresentado pode ser utilizado para o seu TCC<sup>13</sup> para a sua monografia, para sua dissertação de mestrado ou para sua tese de doutorado. A apresentação deste vídeo segue as normas da ABNT com todas as etapas de um projeto, discutindo desde o tema do seu projeto, até a elaboração do cronograma e das referências.

As três aulas foram de suma importância, para elucidar dúvidas quanto à pesquisa e aos seus desdobramentos futuros. Naquela ocasião não foi possível acessar o laboratório de informática da escola, pois este estava inutilizável por problemas técnicos, diante dessa dificuldade, optamos em usar o Datashow com o vídeo que citamos anteriormente e, aos poucos, fomos parando e explicando as dúvidas que iam surgindo. Após as apresentações do vídeo, levamos um trabalho de conclusão de curso do ano anterior para que os estudantes pudessem se localizar melhor e entender de maneira efetiva como deveria ser sua produção. Percebemos que feito isso, eles ficaram mais calmos e mais confiantes do que deveriam escrever e apresentar ao final do ano período letivo.

É importante destacar, que não vamos avaliar com profundidade as questões referentes aos TCF's, ele foi material físico final do nosso projeto de intervenção, mas foram as colocações delas no TCF's, tanto escrito quanto oralizados que tiveram maior relevância para nossa pesquisa. Suas significâncias e relevâncias para as vivências literárias, como postas na fundamentação teórica.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uySBSCNsoCs>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

<sup>13</sup> É valido lembrar que a proposta da nomenclatura TCF, é da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, mas que tem a mesma estrutura dos Trabalhos de Conclusão de Curso tal qual conhecemos.

### 6.3 AULA INICIAL

Foram ministradas duas horas/aulas iniciais antes do início de cada oficina, tais aulas foram de cunho introdutório e nas quais procedemos conversar com os estudantes sobre o que desejávamos pesquisar e propusemos a eles, em uma roda de conversa, um estudo sobre o que eu havia apresentado, no caso, sobre o gênero Ciranda e sua representatividade cultural para o povo pernambucano, fizemos essas aulas como forma de conversa, explicando qual a relevância de fazermos uma pesquisa sobre o legado da Cirandeira Lia. Trazendo Lia como uma das maiores representantes desse gênero literário, explicamos nossa motivação para o projeto, apresentamos o gênero em questão e, por fim, houve a exposição da proposta de trabalho com as oficinas.

Durante a conversa, que foi demasiadamente democrática, alguns estudantes apresentaram conhecer a Cirandeira, inclusive um deles mencionou que sempre dança ciranda quanto esse ritmo é tocado nas ruas da cidade. Esse mesmo estudante, depois de um tempo de conversa, falou que também fazia parte do Maracatu da cidade e que amava essas culturas, as quais a maioria das pessoas não conhece e ainda discriminam. Ainda comentou que algumas pessoas deixaram de falar com ele, porque passou a dançar Maracatu, ele, pelo que percebemos, não quis mais falar sobre o assunto. Entretanto, percebemos que ficou inquieto. Nesse mesmo dia, eu havia levado o livro, que foi organizado pelo Centro Cultural Estrela de Lia, patrocinado pela JEEP<sup>14</sup>, intitulado *Lia de Itamaracá: 75 anos cirandando com resistência, sorrisos e simplicidade*, pela comemoração dos 75 anos de Lia, que foi comemorado do Espaço Sinspire, na Praça do Arsenal em Recife – Pernambuco, e publicado em janeiro de 2019.

No momento de nossa conversa, os alunos folheavam o livro e faziam perguntas sobre a obra e a vida da cirandeira.

Outro ponto interessante foi quando pudemos esclarecer aos nossos estudantes que a Ciranda é literatura e de que forma ela pode nos ajudar a entender o mundo a nossa volta. (Leitura de textos literários como forma de ampliar conhecimentos/citação Cosson).

### 6.4 OFICINAS/TEMAS CARATERIZADORES E PRODUTOS

As oficinas foram realizadas com a intenção de deixar as aulas mais dinâmicas, já que, entendemos as oficinas de acordo com as propostas por Cosson (2014).

---

<sup>14</sup> Empresa Multinacional Italiana, instalada na cidade de Goiana e que apoia movimentos culturais nas cidades da Região.

Tivemos, inicialmente, três propostas motivacionais para que as oficinas fossem desenvolvidas, essas propostas foram escolhidas diante da demanda da nossa ideia inicial e, para ajudar os estudantes a escreverem seus TCF's. Além de lançar um olhar para os nossos questionamentos iniciais descritos nos objetivos anteriormente. Por ordem elas são: 1ª - Uma roda de conversa sobre Ciranda, 2ª Uma Ciranda para entender, 3ª *Pot Pourri* de Cirandas, que foram retomadas no dia da apresentação do trabalho das estudantes. Todas com a intenção de ajudar os estudantes a terem material para escrever seus TCF's e ajudando-os a fazer suas pesquisas de forma mais coerente e precisa.<sup>15</sup>

#### 6.4.1 Oficina 1

Lia para começar - Apresentação do vídeo sobre a vida e obra da Cirandeira (20 minutos)

Tema Caracterizador: A mulher como protagonista na Ciranda

Produto da Oficina: A mulher como protagonista na Ciranda (40 minutos)

Este foi um momento interessante, já que todos os estudantes disseram não conhecer a Lia, mas disseram que conheciam Selma do Coco, nos dois casos, os estudantes comentaram que conheciam apenas as músicas, conheciam a ciranda dela, mas nada além disso. Uma música ou outra apenas. A mais conhecida entre eles era “Nesse dia”. Em uma conversa bem descontraída, apresentamos o vídeo que há disponível na internet sobre a vida e obra da cirandeira. De todos os alunos presentes na sala de aula, todos disseram que já tinham ouvido alguma ciranda sendo tocada. Mas não conheciam outra canção além de: *Essa Ciranda quem me deu foi Lia, que mora na Ilha de Itamaracá*.

A partir dessa informação, começamos a mostrar-lhes a importância das Cirandas e que como elas carregavam a identidade do povo pernambucano e suas trajetórias, locais e globais, nossas formas de ver vida, cantadas por uma mulher que tem um reconhecimento internacional, mas não é conhecida ou valorizada como deveria até aquele momento. E, mesmo que ela tenha recebido títulos de grande representação mundial, as pessoas da nossa comunidade não conheciam a fundo sua obra.

Nesse primeiro dia, além do vídeo, que rendeu diversos comentários, como:

Aluno A: Eu não sabia que ela era tão importante.

Aluno B: Essa mulher canta macumba.

---

<sup>15</sup> É válido lembrar que mesmo as Oficinas sendo feitas com todos os estudantes que estavam na sala de aula, o nosso material de análise será com os seis alunos ditos anteriormente.

Aluno C: Ela tem uma voz muito bonita e é uma mulher grande.

Em todos os comentários, foram feitas intervenções, no sentido de informar a importância de Lia e de sua obra, para nossa identidade pernambucana. Em relação ao segundo comentário, refutei a palavra « macumba », salientando que não era macumba, e que essa é uma palavra pejorativa para falar das religiões de outras pessoas. E no terceiro, a aluna comentou sua altura porque só conhecia a voz de Lia, nunca a tinha visto. Eles acharam interessante conhecer um pouco da trajetória e da Obra de Lia, desde seus primórdios, quando ela era cantada apenas por homens, como Antonio Baracho, grande cirandeiro pernambucano que é citado por Lia no vídeo em questão.

Durante a apresentação do vídeo, passava entre eles uma obra que foi lançada por Marcelo Henrique Andrade, jornalista que cresceu na Ilha de Itamaracá, em aliança com a Fábrica de automóveis JEEP, localizada na cidade de Goiana, Instituto Sinspire, no Recife, e o Centro Cultura Estrela de Lia, em comemoração aos 75 anos de Lia.

Nesse momento, as fotografias feitas por diversos fotógrafos foram admiradas por um dos estudantes. Quando em sua fala, Lia coloca que já sofreu muito na vida e conta alguns episódios ruins pelos quais passou, alguns alunos se identificam com ela e disseram que já passaram por algo parecido, principalmente do que se referem à pobreza e fome. Uma das estudantes disse que Lia era uma mulher de muita coragem, já que tinha vindo de uma pobreza tão grande e mesmo assim, não tinha desistido das « coisas que ela queria », e que hoje era conhecida no mundo todo mesmo sendo de um lugar desconhecido. E, nesse momento, abriu-se outra discussão entre eles mesmo, em relação, aos « destinos » que cada um tem na vida. Alguns colocaram como « destino » outros como « meta », mas não chegamos a uma conclusão unânime sobre esse assunto.

O que entendemos que deveria ter sido pensado em sala, foi a performance e seu papel como mulher negra e cirandeira, e seu trajeto de vida, transmitido pelo vídeo, que aparentemente eles compreenderam e se abriram para refletir e questionar, porque ela conseguiu destaque, e outras mulheres, não; já que há outras mulheres cirandeiras também, comentário feito por um dos alunos, o que gerou outro debate. Entraram nessa discussão, as culturas locais que não têm tanta atenção, como os Cabocolinhos, as Pretinhas do Congo, Dona Selma do Côco, Zé da Burra<sup>16</sup>, danças e músicas que são muito ouvidas pela região, mas que ninguém sabe ao certo o que representa. Ressaltei que as manifestações culturais, tendem a representar

---

<sup>16</sup> Representante da 'Burra' uma dança típica de Pernambuco. Tal brincante, é morador da cidade de Goiana.

uma parte da identidade de um povo ao longo da história e que era interessante conhecermos e entendermos melhor tais manifestações, já que faziam parte a literatura e cultura local, permitindo-nos entender mais de nossa história de nosso lugar no mundo.

Após os intensos debates, os estudantes entenderam e perceberam que a Ciranda de Lia, é deveras importante para nossa vida como seres socialmente ligados pela cultura e pela história, cantante ou não da Ciranda. A maioria dos estudantes, concordou que a obra da referida cirandeira faz parte de nossa vida cultural e histórica, muitos lembraram de sua infância e reavivaram suas memórias de mais jovens pelas ruas de Goiana e da região, alegando que sempre escutavam e/ou dançavam as cirandas, mas que nunca haviam parado para entender as cirandas como haviam sido apresentadas a eles, naquele momento. Houve alguns alunos que ficaram realmente, bastante inquietos com as abordagens propostas e aparentemente intrigados, positivamente, levando-nos a confirmar os ideários colocados por Cosson (2016), no que diz respeito à autonomia e a relação libertária e autônoma da literatura com a vida real dos estudantes, tornando-os seres reflexivos e questionadores no que se propõe a sua volta.

Quando terminamos de expor o produto final da oficina, as fotos e as letras das cirandas de Lia, os alunos ficaram muito satisfeitos com o trabalho deles, todos que estavam na sala de aula, envolveram-se, recortaram, (as fotos e as letras das músicas, já estavam impressas), colaram e montaram o varal, ao final da montagem, fizemos uma fotografia para registrar o momento, eles estavam bem felizes. No outro, em que chegamos à unidade escolar, os outros professores do horário, comentaram sobre o mural e sobre a importância de os estudantes estarem vivenciando aquele assunto, afinal, a Educação de Jovens Adultos ainda tem aulas muito tradicionais, mesmo a escola tendo um Projeto Político Pedagógico inovador e todo o apoio da gestão escolar, não é tão simples assim desenvolver uma proposta de aulas que atraia a atenção dos estudantes, e que os motive a, mesmo exaustos de um dia de trabalho, não faltarem a aula, já que muitos trabalham fora de casa, em horários, muitas vezes irregulares, nem sempre podem frequentar as aulas com tanta avidez, como o esperado, o que pode complicar a vida e o trabalho do professor se quiser fazer algo que saia da rotina esperada.

Alguns professores comentaram que a turma estava gostando da proposta das aulas e esse interesse pelos temas caracterizadores estava afetando positivamente e diretamente o índice de presença na escola. Fiquei deveras entusiasmada com o retorno que, até aquele momento, era bem positivo para os estudantes, para escola e para o andamento da minha intervenção.

### 6.4.2 Oficina 2

As religiões na Ciranda (30 minutos)

Tema Caracterizador: Religião, o que é?

Produto da Oficina: Painel com as definições das diversas religiões presentes no Brasil

(40 minutos)

No dia em que nos dispomos a realizar tal oficina, pensamos, inicialmente, que teríamos muitos problemas com os estudantes, já que a maioria destes se dizem evangélicos e aparentemente com um alto grau de repulsa a outros tipos de crenças. Mas, como já havíamos conversado com eles antes sobre os percursos temáticos e os temas em questão, não houve surpresa, mas sim, ansiedade, quase todos os dias em que eu entrava na sala para ministrar aulas, ou em que eu era vista pelos corredores da escola, alguns estudantes me perguntavam:

Aluno A: 1- Quando vai ser o dia que a senhora vai falar de religião com a gente?;

Aluno D: Vai ser hoje que ela vai falar «daquelas coisas? »;

Aluno B: Quais são as religiões que a senhora vai trazer para a gente estudar?;

Houve um estudante que comentou meio « irritado » que tal proposta não seria interessante, pois não deveríamos discutir temas como esses em sala, ele alegou que religião é muito particular e que cada um tem a sua, e naquele mesmo momento, uma outra aluna, colega de uma outra turma, pois por incrível que pareça, alunos de outras turmas estavam interessados na intervenção e queriam também participar dela, e foi o que aconteceu depois, a aluna, retrucou respondendo que era muito importante que conheçamos as outras religiões para não sermos preconceituosos com as outras pessoas que conhecemos. Olhei para ela, meio supressa com a resposta, dei uma piscadela de leve com o olho direito para ela, confirmando positivamente com a cabeça a resposta dela. Ela, ao final do horário, perguntou-me se poderia participar da minha próxima intervenção daquela sala, já que o assunto tinha instigado o interesse dela pelo debate. É claro que eu concordei, afinal a proposta estava indo para mais longe do que eu imaginei que iria, jamais deixaria um estudante de fora dessa discussão.

Confesso que fiquei satisfeita com os comentários gerados pelos alunos e pelo corpo docente e discente da escola, as intervenções estavam causando curiosidade nos estudantes, e os estimulando a estarem na escola com mais frequência, isso é um passo importante que demonstra a importância que a proposta estava ganhando, ou seja, estava causando interesse e repercutindo de forma eficaz na vida dos estudantes.

Quando o tão esperado dia chegou, falarmos sobre o assunto em questão, percebemos realmente a curiosidade da turma, o debate, embora com poucos estudantes neste dia, foi bem interessante. Começamos questionando sobre o que eles entendiam por «religião», e se era importante as pessoas terem, conhecerem religiões ou não. Se for algo palpável, ou intangível, como eles foram apresentados à religião. Começamos com essa pergunta, para irmos a outras de acordo com as respostas dadas pelos estudantes. A maioria deles levantou o ponto alegando ser importante termos uma religião, mas alguns salientaram que essa religião deveria ser as mais comuns, como o catolicismo romano ou o catolicismo protestante, os ditos, evangélicos. Percebi que nenhum estudante de proclamou pertencente a outros tipos de religião. E ao perguntá-los sobre o que eles pensavam sobre os outros dogmas religiosos, dois alunos reforçaram a ideia de conhecer as mais diversas práticas propostas de pensamento de fé, e outros.

Outra estudante alegou que não tinha interesse em saber de outra religião que não fosse a católica, porque segundo ela, as demais religiões estão « muito complicadas ». É bom deixar claro que nosso proposito nessa oficina, não foi mostrar os preceitos dogmáticos da religião. A é mais interessante que do que B, nosso intuito com essa oficina, foi questionar aos estudantes de como na verdade, estamos submersos por diversos desses dogmas e nem sequer percebemos, vivendo uma verdadeira mistura de religiões já que não sabemos definir umas das outras, ou ao menos o que elas pregam ou defendem. Bem parecida com as Cirandas de Lia, que embora, muitas pessoas não cantam ou não dançam, porque acreditam que é coisa de « macumba », termo que eles mesmos colocaram na Ciranda de Lia. Tentamos na aula, desmistificar esse termo e mostrar a eles as definições de cada uma das religiões que nos propusemos a trabalhar, catolicismo romano, protestantes, candomblé, hinduísmo e espiritismo.

Escolhemos tais religiões por serem as mais faladas, ou ouvidas em diversos contextos, inclusive nas redes sociais, embora, saibamos que existem muitas outras propostas de cunho religioso, nossa intensão não foi mostrar as religiões por si, apenas, mas mostrar-lhes a proximidade com nossa realidade, com nossa comunidade.

Eles debateram e disseram e entenderam bem as propostas de cada uma dessas religiões, um dos estudantes, comentou que ele achou a aula «legal», por que ele conseguiu perceber as diferenças do candomblé e espiritismo, que na cabeça dele, eram a mesma coisa. Percebemos que os alunos ficaram intrigados, e quando eu coloquei uma das cirandas de Lia, que remete a religiosidade, a letra foi mais aceita e menos retaliada.

Quando comentei com os estudantes que Lia se proclama católica apostólica romana, e filha de Iemanjá, eles ficaram se questionando como poderia ser. E aí se deu as discussões mais

intensas sobre qual papel de conhecermos as diversidades de crenças para que possamos entender mais os outros e nós mesmos, sem preconceitos.

A proposta foi que eles também percebessem que devemos respeitar as diversas formas de crença e suas manifestações históricas e culturais. Não há uma melhor ou pior, não devemos pensar que algumas pessoas são dignas de amor e outras de desprezo pelo que acreditam, todas devem ser respeitadas. Esse debate surgiu do interesse dos estudantes a fim de terminar a discussão com o professor de história, pois alguns deles alegaram que só existem algumas guerras no mundo, porque uns não aceitam a religião do outro.

As discussões realmente continuaram, mas o nosso mural foi feito, com ajuda dos que estavam presentes em sala. Desenvolvendo assim um mural de religiões que eles montaram, com cartolina colorida, tesoura, colas, imagens das religiões e as definições das mesmas. Ressaltando que o produto final foi o mural de religiões, intitulado: Religião, o que é?. O referido mural foi afixado no pátio da escola, logo abaixo do varal da vida e obra de Lia. No outro dia, após a colocação do mural, foram muitos os comentários sobre ele, outro ponto positivo era ver muitos estudantes curiosos para ver o que estava escrito ali. Alguns alunos concordavam, e outros não, mas o importante foi que a finalidade da oficina foi alcançada, o questionamento sobre nossa composição mista, composta de vários seres, em constante transformação, se é que podemos dizer assim, e a importância desse conhecimento para a tomada de consciência de si.

Achamos que o mural não ficaria muito tempo em perfeito estado na escola, mas para nossa surpresa, ficou intacto, sem rabiscos ou depredações por quase dois meses, um grande recorde, já que tal tema, sempre provoca algum tipo de retaliação. Nosso intuito foi deixá-lo na parede afixado até o dia da apresentação cultural, mas infelizmente não foi possível, pois a escola necessitava daquele espaço livre para poder deixar exposto outros projetos de intervenções de outras disciplinas dos turnos da manhã e da tarde. Era o único espaço visível a todos da escola, o lugar mais indicado, na verdade.

### 6.4.3 Oficina 3

O amor e a vida em Lia (50 minutos)

Tema Caracterizador: As diversas formas de amar

Produto da Oficina: Visita a Casa Cultural “*Estrela de Lia*” (2:00 horas)

Essa foi uma oficina com muitos contratempos, mas de perto, a mais cheia de resultados positivos e marcantes. Um dos nossos primeiros passos foi procurar o contato do empresário de



Lia para que pudéssemos agendar com ele um dia e um horário para levar os estudantes. Em princípio, gostaríamos de trazer Lia para nossa escola no dia da apresentação dos TCF's, mas mudamos de ideia, devido ao alto custo do cachê. Conseguimos o contato de Beto, empresário de Lia, por meio do jornalista Marcelo Andrade, na época ainda era mestrando pela Universidade Federal da Paraíba, muito amigo da Lia e morador da Ilha quando mais jovem.

A nossa conversa com Beto foi agradável e muito amistosa, quando expressei a ele o desejo de levar os estudantes para conhecer Lia, e conhecer o Espaço dela, ele prontamente se dispôs a verificar uma data disponível na agenda da Cirandeira. Nesse interim, conversamos com alguns amigos e já avisamos os estudantes da possível viagem até a Ilha.

A princípio, tivemos um grande transtorno com o transporte dos estudantes para poder levá-los ao Espaço Estrela de Lia. Procuramos um vereador da cidade, amigo nosso e grande colaborado da escola, Josemar Leite e perguntamos se ele disponibilizaria algum transporte para que pudéssemos levar os estudantes até a Ilha. Ele, prontamente, se disponibilizou, pediu apenas, que avisássemos a data com antecedência.

Além disso, uma professora da Universidade Federal da Paraíba, Dra. Amanda Freitas, também se sentiu envolvida pelo nosso projeto e quis ir conosco ao encontro com Lia. Ficando ela sob aviso, afinal, estávamos apenas esperando a data marcada por Beto, de acordo com a agenda da cirandeira.

Passados alguns dias, e em meio a angústia dos alunos, Beto nos ligou informando a data para o nosso encontro.

De início, pensamos em levar para nosso encontro na Ilha, a maior quantidade de alunos possível, porém por questões de disponibilidade de transporte, apenas 15 lugares na Van, e uma carro com mais três lugares. No dia marcado, conseguimos levar alunos que representavam três salas de aula, já que nem todos os estudantes da 4ª fase, poderiam ir, afinal, alguns estavam trabalhando, viajando e outros não tinham como ir, por questões pessoais. No total, levamos 18 estudantes, duas convidadas e o motorista da Van que nos levou.

No dia marcado, os estudantes chegaram no horário marcado, quando eu cheguei à escola para pegá-los, todos já estavam lá, então, todos nós ficamos esperando o meio de transporte coletivo, que demorou por volta de quarenta minutos até chegar à escola. Ao apontar na esquina da rua, os estudantes gritaram bastante alvoroçados, fiquei feliz em ver a ansiedade deles em viajar e conhecer a Ilha. Foi interessante que, ao logo das nossas conversas com os estudantes, diariamente, os dias que antecederam a viagem, muitos disseram que não saiam da cidade de Goiana fazia tempo, ou seja, a viagem que inicialmente era para conhecer Lia, e o seu Espaço Cultural, acabou sendo mais do que isso. Muito além do que imaginávamos muito

mais do que eles imaginavam. As necessidades dos nossos alunos, que ainda não tínhamos percebido, como a possibilidade de sair da rotina, de descontrair, de jogar bola, de almoçar com os amigos, de conversar, ir à praia, tomar banho de sol, ver pessoas diferentes, interagir socialmente, foi visto de maneira muito positiva. Muitos estudantes não têm o hábito de sair de casa, e tudo acabou se tornando um grande dia, expectativa de conhecer Lia e por sair da rotina do dia a dia. É válido ressaltar que havia o professor de história na Van, junto com os estudantes, dando-lhes o roteiro de onde estávamos passando e qual o valor histórico dos locais em que estávamos passando.

A viagem teve o seguinte roteiro:

Primeira parada: Cidade de Itapissuma, que é a última cidade do continente, antes de entrarmos na Ilha, paramos em um ponto onde os alunos conseguiram fazer fotos e visualizarem a divisão exata do continente e da Ilha, foi um momento divertido. Aprenderam muito, já que descobriram que as cidades de Itapissuma (Pedra Negra), Itamaracá (Pedra que Canta) e Igarassu (Coroa Grande – Município foi o primeiro núcleo de povoamento português no Brasil), além de *Goyanna (Terra de muitas águas)*, são de origens indígenas, e seus prefixos são tupis. Esses nomes foram dados pelos antigos moradores da região, os indígenas que ali habitavam, antes da Duarte Coelho apontar na região ainda em 1588.

Segunda Parada: Forte de Santa Cruz, mas conhecido como, Forte Orange, na parte norte da Ilha de Itamaracá, lá os estudantes puderam ver a Coroa do Avião e entrar no Forte e conhecer mais um pouco da história do tempo em que os Holandeses e Portugueses disputavam as posses das nossas terras. O Forte tem aspectos estruturais dos dois países. Foi nesse momento que paramos para tomar café da manhã, com direito a caldinho de peixe, feito por uma das estudantes.

Terceira Parada: Centro Cultura Estrela de Lia, na praia de Jaguaribe, que é assim definido pela FUNDARPE:

Construído em 2005, o Centro Cultural Estrela de Lia é responsável por difundir a arte de Lia de Itamaracá através de rodas de cirandas semanais, sempre aos sábados. Além disso, visa o uso recreacional, educativo e social, projetando o espaço como atração turística e cultural para a comunidade e visitantes da Ilha. A realização da ciranda de Lia envolve a presença de músicos convidados e participação de grande número de pessoas, em maioria da população local. O espaço também propõe a realização de outros eventos e temporadas de apresentação artística: recitais, poéticas, duplas de violeiros, cirandas (Filhas de Baracho), entre outros (FUNDARPE, 2019).

É bom ressaltar que nossos estudantes pensaram em presentear Lia pela disponibilidade, e organizaram uma espécie de “oferenda” para entregar-lhe no encontro. Então providenciamos uma cesta com produtos de beleza: batons, esmaltes, shampoos, condicionadores, perfumes,

cremes de cabelo e vários apetrechos estéticos. Pensamos em ver Lia pela primeira vez dando-lhe uma oferenda como se fosse para Iemanjá, já que a mesma diz ser filha de orixá.

A descer da van, os alunos se depararam logo com a nossa Estrela Maior, foi um momento mágico, eles aguardaram que eu chegasse para poder se apresentar a ela e oferecer o presente. Nós nos apresentamos a Beto, que é o produtor de Lia e ele prontamente nos colocou em contato direto com ela, que inicialmente não estava entendendo bem de onde éramos e o que realmente queríamos fazer.

Quando nos encontramos, apresentamo-nos e dissemos qual o nosso objetivo ali, ela começou a interagir com mais fluidez com a turma.

Um dos alunos disse que sabia tocar uma ciranda no pífano, instrumento usado pelos caboclinhos em Goiana, e ela pediu para ele se apresentar. O aluno ficou envergonhado, nervoso, mas fez o que Lia pediu, e apresentou *“Essa Ciranda quem me deu foi Lia quem mora na Ilha de Itamaracá”*, tocado no instrumento e acompanhado pela cirandeira. Aplaudido com força e amor por ela e pelos amigos de sala.

Por assim dizer, saímos pela praia a conversar com a Cirandeira, ela nos contou das dificuldades de manter o Espaço Cultural e a falta de investimento e valorização no Governo do Estado em investir na Cultura local. A diferença entre o que se paga aos artistas de fora do Estado e o que se paga aos artistas locais. Ela comentou que existem muitos cirandeiros bons em Recife e espalhados pelo Estado, mas infelizmente não há investimento no Estado. Ela disse que lutou quase 30 (trinta) anos, depois que recebeu o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco, recebe um salário mínimo, mas há muitos artistas que não tem renda fixa, o que dificulta a manutenção da Cultura no Estado. Muitas vezes, segundo ela, o dinheiro do cirandeiro demora muito a chegar na conta, por vezes, meses depois do show, e como ela mesmo comentou, há muitos artistas que dependem exclusivamente do dinheiro do show, não poderia ficar meses sem receber seus cachês.

Ela comentou que, antigamente, quando ainda não tinha o empresário, vivia em extrema pobreza e, às vezes, trocava shows por cachaça ou comida. No seu primeiro lançamento do disco, ela não recebeu nada pelo seu trabalho, simplesmente, os responsáveis pelas gravações foram embora e nada foi resolvido. Da mesma forma que muitas Cirandas dela ainda em disputas judiciais envolvendo os direitos autorais, e algumas já entraram em domínio público.

Essas conversas foram se entrelaçando ao momento em que caminhávamos pela beira do mar. Os estudantes perguntavam muitas coisas, e uma das alunas, em conversa com Lia, disse que achava injusto o que acontecia com a cultura do nosso Estado, já que a cultura representava uma parte da nossa história. E Lia como maior representante da Ciranda em

Pernambuco, concordou com ela, e ressaltou que muitos cirandeiros estão deixando de cantar ciranda por causa do descaso do Estado.

Em um dado momento, perguntei se como ela se sentia naquele dia, respondeu que feliz, porque a mãe dela, sempre a ajudou, Iemanjá sempre escutou as orações dela e disse isso, com o olhar vago pelo mar. Lindo de ver a devoção da cirandeira mais famosa de Pernambuco, que já viajou mais de cinco países e levou por entre os diversos continentes uma parte de nós.

Após nosso tempo de conversa, com os alunos e com Lia, despedimo-nos da cirandeira, que foi cumprir seus compromissos e os estudantes foram almoçar. Particularmente, considerei interessante a forma como eles mesmos se dispuseram a trazer seus lanches, organizaram-se de maneira que alguns foram para tomar banho de mar, outros foram jogar futebol, algumas alunas, foram tomar banho de sol, outros ficaram nas barracas da Ilha, conversando e apreciando a paisagem, podemos dizer que foi um dia de total descontração para eles e para nós. Aprenderam se divertiram, se descontraíram e ainda ficaram com lembranças lindas desde dia significativo na vida dos estudantes. Chegamos à cidade de Goiana, por volta das 16h, cansados, sujos de sal e areia do mar, mas muito felizes e com aprendizado prático do que tínhamos visto em sala.

É válido lembrar que todas as alunas que estão nomeadas para fazer os TCf's dessa disciplina fizeram a viagem. Afinal, o processo da apresentação do no nosso Trabalho de Conclusão de Curso, dependia dessa vivência real, para que o a pesquisa deles ficasse ainda mais significativa.

## 6.5 CULMINÂNCIAS DA INTERVENÇÃO – APRESENTAÇÃO DO TCF

No dia 11 de dezembro de 2019, foram apresentados a nossa Unidade Escolar nossos Trabalhos de Conclusão do Fundamental das turmas da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Coronel José Pinto de Abreu, digo isso, porque não foi apenas o meu trabalho que foi apresentado, foram as propostas de mais 3 professores e de seus alunos. Foi uma noite de bastante tensão entre os alunos, pois muitos deles são tímidos a ponto de se negarem a falar em público, isso precisou ser trabalhado com eles dias antes. As dificuldades de estar na frente da escola inteira parecem desesperadoras para muitos dos nossos estudantes, que se angustiam, ficam temerosos, as mãos ficam frias até para ler uma anotação feita por eles mesmos.

É importante deixar claro que durante as pesquisas e as oficinas feitas com as alunas, uma aluna se interessou pelo nosso projeto e quis participar dele, ela começou a participar das aulas com assiduidade no meio do primeiro semestre de 2019, por problemas de saúde, no

segundo semestre, também faltou consideravelmente, mas não quisemos deixá-la de fora. Não vamos citar o nome dela, já que ela não está inserida no rol anterior.

Mesmo nesse misto de ansiedade, nervosismo e curiosidade, os discentes estavam muito felizes por terminarem mais uma etapa de suas vidas. Afinal concluir o 9º ano de ensino fundamental não é tão simples, nem fácil quanto parece quanto parece, ainda mais para quem tem diversas histórias de fracasso escolar, se é que podemos assim dizer. Essa alegria nos deixa emocionada, por ao longo de todo o ano letivo escutamos as histórias de nossos estudantes e em quase todas, o motivo pelo qual eles deixaram a escola, são em sua maioria os mesmos, repetência, precisar trabalhar para ajudar no sustento da casa, não se adaptar as “regras” da escola, não gostar ou não entender os assuntos que eram ensinados, e por conseguinte, a evasão, a saída, deles, era e ainda continua sendo a forma de “solucionar” problema que eles estão vivendo naquele momento. Essa ainda continua sendo uma triste realidade de muitos estudantes das nossas escolas.

Havíamos combinado, previamente com os estudantes/professores e equipe gestora, que os estudantes da minha turma apresentariam o TCF em último lugar, pela simples razão de ao final fazermos uma grande roda de ciranda com eles, e isso poderia comprometer a concentração e a organização dos demais estudantes e de seus professores nas próximas apresentações. Todos concordaram e até sugestionaram que assim o fosse.

Nossa escola estava bastante iluminada naquela noite, muitos bolões de festa coloridos, as meninas sugeriram um painel com o nome de Lia e com as fotos das oficinas para que os outros alunos vissem o que tinha sido feito e tivessem um lugar para poder fazer suas fotos e postar nas redes sociais. A escola estava em uma noite mais acolhedora do que o normal, céu iluminado, ventos leves e temperatura de mais ou menos uns 29 graus, e música ambiente para que os estudantes fossem chegando e se ajustando em suas salas com seus professores e solucionando os últimos detalhes de suas apresentações. Os estudantes expectadores foram chegando e à medida que eles se ajustavam, alguns de nós, professores íamos ajustando o *kit* multimídia, os *banners*, a iluminação, testando o som e todos os outros detalhes que fazem toda a diferença em uma noite como essa.

Naquela noite, a mesa avaliadora era formada pelos professores José Isidoro, gestor da escola, Ana Claudia Fidelis, vice gestora escolar, e João Olímpio, professor de matemática da escola, eles formaram a banca avaliadora das apresentações dos alunos e tinham permissão para fazer perguntas aos estudantes, dar opiniões e sugerir uma escrita ou uma reescrita mais aprofundada ou não. Mas, felizmente, apenas elogios foram feitos e nossos estudantes ficaram ainda mais felizes com a noite.

As apresentações tiveram início às 19 horas e 40 minutos, com a fala de um dos representantes da gestão escolar, que foi Ana Lucia, coordenadora pedagógica da escola, que cumprimentou os estudantes pelo empenho e pelo esforço de estar ali e de não ter desistido diante de muitas dificuldades que atravessamos no nosso dia a dia. Agradeceu a todos pelo fato de estarem ali, diante de tantas dificuldades estavam ali prestigiando os colegas que iriam apresentar.

Logo após falou Isidoro Neto, que abriu as apresentações, apresentou a comissão avaliadora aos estudantes e chamou o primeiro grupo e seu respectivo orientador para iniciarem as atividades. E assim foi com os outros dois professores, como disse anteriormente, nossa equipe foi à última a se apresentar.

A exibição dos TCF's começou com o trabalho da professora Jaqueline Romão, que falou sobre os aterros sanitários e suas configurações, muito aplaudidos os estudantes perceberam que poderiam ir além dos que eles pensavam que poderiam ou do que tinha ensaiado falar naquela hora.

Em todo momento eu percebia o quanto as minhas meninas estavam aflitas, mesmo seguras em suas falas e na pesquisa que fizeram, elas temiam que os jurados fizessem perguntas que elas não soubessem responder, e mesmo que eu falasse diversas vezes que isso não ia acontecer, porque os avaliadores são pessoas que estão ali para ajudar e não para condená-los a “pena de morte”, elas continuavam nervosas, mas entendo como normal, afinal, uma apresentação para mais de cem pessoas não é simples e nem tão tranquilo assim, já a apresentação delas deve permear os diversos níveis de saberes, o que não é tão simples assim. Mas eu tinha certeza que elas iriam conseguir, pois estudaram, ensaiaram, conversaram umas com as outras, com Lia e leram diversos materiais, estavam preparadas.

Depois vieram os grupos dos professores orientadores, Eliane Romão, que falou sobre a poluição dos rios de Goiana, o Professor Ranieri Santos que falou sobre os sistemas de tratamento de água e montou uma maquete de uma estação de tratamento para que os outros estudantes pudessem ver e perceber do que eles estavam falando.

E mais uma vez, percebia as meninas tensas e, de vez em quando, percebia que elas me olhavam “desesperadas”. Mas eu as tranquilizava, sussurrando: “Vai dar tudo certo, calma!”

Nossa apresentação começou pontualmente às 20h35min, salientando que a tal apresentação durou apenas 20 minutos, e a abertura foi feita por mim, que expliquei o tema da nossa proposta, a importância da nossa pesquisa e o empenho das meninas em deixar o trabalho interessante para todos. Relembrei, pois já havia sido dito pela equipe gestora na hora de chamar o grupo, os nomes das integrantes e como elas apresentariam suas falas.

Assim, a primeira a falar foi a aluna B que começou dando início às diversas formas de encontrar literatura e como ela pode nos ajudar a entender o mundo que está em nossa volta e como as músicas, comportamentos, romances, poesias, podem nos dizer sobre nossa identidade e de onde viemos e quais as influências desses instrumentos na nossa vida. A segunda a falar foi Cristiane Candido que trouxe a Ciranda como uma dessas formas de dizer quem somos e que nossa maior representante viva em Pernambuco é Lia de Itamaracá, essa mesma aluna trouxe a vida e a obra da autora.

A terceira a expor foi a aluna “C”, que trouxe a nossa oficina 1 -, lá a aluna expos nossa oficina de maneira muito peculiar e bastante detalhada, salientou que, muitas vezes, a gente canta ou dança uma música e não entende o que ela realmente quer dizer ou que o que ela significa para as pessoas e porque algumas pessoas se identificam mais que outras com algum gênero musical, a aluna colocou as questões de “gosto”, de “categoria musical” e de “identidade”, essa última como sendo muito particular e cada um, mas ao mesmo tempo da coletividade de um povo ou de um grupo de pessoas em especial. Ela se colocou de maneira muito autônoma e confiante em suas palavras.

A aluna “D” trouxe a oficina 2 – que tratava da diversidade de religiões que estão nas cirandas e em nossa volta, “Religião, o que é?” Foi uma oficina muito delicada, por tratar de um tema delicado para eles, mas a estudante trouxe com muita perspicácia o que é, e contou de maneira muito segura como foi a nossa discussão sobre o tema na sala e que ela aprendeu muito ao entender que as pessoas precisam ser livres para se apropriar da forma de religião que mais lhe traz segurança e paz. Salientou a necessidade do respeito às diversas religiões, a necessidade de conhecê-las e entender as fundações históricas e sociais de cada uma delas para não sermos injustos mesmo acreditando em justiça. Particularmente achei essa colocação dela, muito pertinente.

A aluna “A” trouxe nossa oficina 3 - e última da intervenção, apresentou a nossa ida a Ilha de Itamaracá e o dia em que conhecemos Lia pessoalmente, nossa conversa, nosso encontro, nossos anseios e desejos em ver aquele mundo.

Nosso encontro com Lia foi colocado pela estudante como um dos melhores dias da sua vida, pois a cirandeira trouxe para ela paz e muita alegria, essa mesmo estudante ficou ao lado de Lia todo o tempo. Ela ressaltou o quão foi importante para ela o dia e como aquele dia foi importante e como outros estudantes deveriam ter a oportunidade de conhecer seus artistas locais e conversar com eles de perto para que as pessoas possam entender as propostas que os cantores/artistas querem trazer para o povo. Nesse momento, a aluna caiu em lágrimas e disse que jamais se esquecerá da emoção que sentiu ao lembrar-se de tudo que viveu esse ano e em

especial, naquele dia, afinal, ela salientou que estava passando por um momento muito difícil em sua vida pessoal e a paz que Lia lhe mostrou aliada à calmaria do mar e tudo que tínhamos visto nas oficinas, a ajudou a se reestabelecer emocionalmente. A aluna não falou exatamente qual era o problema que a incomodava, apenas disse que foi um divisor de águas em seu momento particular.

A aluna E trouxe a importância da nossa pesquisa e como ela ajudou aos estudantes da sala a ver algumas coisas de forma diferente, principalmente à forma de ver a Ciranda e como esta é importante para nossa sociedade e história. Além de contribuir para uma nova forma de olhar a ciranda de uma maneira mais cuidadosa e mais empática, valorizando as coisas simples da vida e das pessoas. Valorizar a energia do mar, das amizades, e tudo que está a nossa volta. Um olhar, que como ela mesma disse, não tinha antes.

A banca avaliadora parabenizou a pesquisa das alunas, e a forma como elas passaram os resultados de suas sensações no texto entregue a eles e o cuidado com o qual falaram e mostraram suas aprendizagens dentro da fala delas. As meninas foram aplaudidas de pé e ficaram muito felizes com a receptividade dos demais alunos. A nossa apresentação acabou com uma apresentação e caboclinhos e uma grande roda de ciranda, os alunos dançaram bastante para comemorar o sucesso da pesquisa e a finalização de um ciclo tão importante da vida deles. E foi a única equipe a receber nota 10 de todos os avaliadores.

É válido ressaltar que todas as alunas contribuíram de forma significativa para a noite fosse linda para todos. As cores, a iluminação, e a forma como estavam posicionados os elementos naquela noite contribuíram de sobremaneira para que houvesse uma noite inesquecível.

### **6.5.1 Considerações Finais da Culminância**

Durante esses meses, desde o momento em que percebi a necessidade de levar a escola, tal proposta e discutir sobre ela, muitas coisas interessantes aconteceram. Acredito ter aprendido mais, muito mais com as pesquisas, as trocas de informações, as interações com os alunos e de forma ainda mais ampliada cresceram. Cresci, como pessoa, como profissional e como pesquisadora.

Em meio às conversas com os estudantes, aprendi a escutar, a entender e a entender de forma mais profunda, qual é sofrido e desleal o mundo da Educação de Jovens e Adultos, em uma instituição pública de periferia. Os caminhos, pelos quais os estudam passaram e passam não foi e não é simples. São histórias de vida melancólicas e muitas vezes, de violência física,



moral e intelectual, quanto se lembra da evasão ou das infinitas “notas vermelhas”, ao longo do percurso escolar. Percebi na grande maioria dos estudantes, uma baixíssima autoestima e uma dificuldade gigantesca de socialização/interação, uma frase que muito me marcou, foi a seguinte colocação “burro velho, não aprende passada”, passei horas a fio, angustiada com a colação do estudante e no outro dia o questionei sobre tal posição. Ele me disse que era porque ele não sabia ler (de forma proficiente) e não tinha como aprender mais.

A culpa não é dele, e também não me cabe aqui, culpar ninguém ou “alguéns”. Tentar fazê-los enxergar a vida de outra forma, com mais vigor, deixar neles a marca de que conseguem e são capazes de amar-se e amar o outro. Foram conquistas para além dos objetivos iniciais. Isso me deixou muito emocionada positivamente e em paz, pela conquista. Muitas conversas nos corredores da escola foram mais importantes talvez, para mim, do que para eles. Trouxe-me mais motivação para desenvolver o projeto com mais empenho, mas sagacidade e dar mais atenção ao que eles falavam e como eles se comportavam em dias de oficinas ou em simples conversas em sala de aula.

A oficina 2, que falou sobre as religiões, gerou intensa discussão, os estudantes que estavam em sala de aula e ouviram os debates, que discutiram, aprenderam e me ensinaram a entender mais do que eu esperava sobre tal proposta, uma das alunas chegou a comentar que todas as vezes que sabia que tinha minha aula, ela lia os textos que tinha pesquisado sobre as religiões, por que queria debater e esperava que eu puxasse o assunto em sala.

A oficina 3, que foi nossa ida a Ilha de Itamaracá, foi assunto da escola durante o resto do período letivo, além do privilégio de conhecer, conversar e tirar fotos pessoalmente com Lia, entender, como ela pensa e como constitui suas músicas, o passeio e as importantes informações que eles colheram, o prazer de ter um dia de lazer na vida de quem é tão massacrado socialmente, me fez um bem indescritível.

Cada passo desse projeto de intervenção foi desenvolvido com muito amor e cuidado para não “ofender” ninguém, e para dar voz aos menos favorecidos, os que não sabiam que sabiam falar.

## 7 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES (ORAL E ESCRITA DO TCF)

### 7.1 ORALIDADE

Quando nos propusemos a investigar a proposta das possíveis leituras e “identificações” com o texto de Lia de Itamaracá, pensamos na teoria que propõe um leitor “livre, responsável e crítico”, como propõe (ROUXEL, 2013, p. 20). O leitor deve ser capaz de construir sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção, percebemos também que nossos alunos se tornaram mais sensíveis e abertos a outros mundos que a literatura pode trazer para dentro de sala de aula e para sua vida em particular, já os mesmos possuem expressões de pensamentos, e de julgamentos de gostos muito pessoais e íntimos.

Mudar a rota da literatura que os alunos têm em mente não foi simples e nem fácil, ensinar/aprender algo que nos tira de um padrão constituído por muitos anos, demanda tempo, vontade, material e suporte técnico e teórico. A diversidade de “vozes” dentro da literatura é vasta e podem nos ajudar nas nossas escolhas, formas de vida, além de ser um direito do ser humano, de constituir-se como tal e em suas implicitudes. Como posto por Candido (1989).

Depois de toda a pesquisa que fizemos, conseguimos levar os estudantes a entender que devemos guardar e valorizar a cultura do nosso Estado e respeitar todas as formas de vida, de escolhas e de literatura, que estão nas músicas de Lia de Itamaracá e das diversas formas de fazê-la em diversos lugares do Brasil, além de (re) pensar as possíveis identidades ou não. Foi um grande prazer trazer para esses estudantes uma nova forma de ver o mundo ao redor deles e conhecerem a si mesmos. Foram dias intensos e de grande remodelagem do meu jeito de ensinar/aprender e de ver meus alunos, com suas dúvidas, seus medos e suas histórias de vida.

Em relação à oralidade das estudantes que suas implicitudes e verdades particulares, vindas de um percurso de conversas, debates, leituras, que eram individuais, passaram a ser mais coletivas. Mas a postura oral que mais se notou admiravelmente significativa foi a fala da aluna A, que externou toda sua emoção ao falar da experiência que foi a nossa última oficina, sua ansiedade em conhecer a Ilha e toda a historicidade e misticismo que envolve aquele lugar, mexeu muito com todos os estudantes que foram a viagem.

A Ilha tornou-se mística pelas histórias que contam dela, pelas músicas, pelo povo. Um cantor famoso do Estado sempre exaltava a beleza e a realeza do lugar, como na letra de Reginaldo Rossi: “(...) Itamaracá, é uma Ilha encantada, lugar mais bonito que eu vi. Itamaracá é um reino encantado e todos são reis por aqui (...)”.

Ele, o cantor e compositor, tinha uma casa na região e sempre que podia ia à cidade ver o mar e amar a vida, como ele mesmo dizia. Alguns dos nossos estudantes apenas conheciam a Ilha pelas letras das músicas de Rossi.

Quando elas disseram que haviam se identificado com Lia e com a sintonia que nelas despertou, fica nítido o elo que foi lembrado. Possibilitado uma discussão sobre eles com nossa história e/ou com a história dos nossos antepassados ainda muito presentes nos nossos dias. Essa composição histórica é bastante ressaltada por uma parte do povo pernambucano em suas atitudes, quando conhecem e sabem da importância de sua antiga Capitania.

As letras das músicas de Lia nos mostram como é importante valorizar o outro indivíduo, a terra, o mar, as diversas formas de viver e de ser feliz, na simplicidade das coisas e das pessoas, elementos que pela evolução das modernidades tecnológicas podem estar sendo deixadas em segundo plano por uma parte daqueles que estão imersos na globalização, como sendo apenas econômica, mas não em toda a sua multiplicidade de vivências.

As falas das alunas no dia da apresentação do TCF nos levaram a trazer uma colocação de COSSON, (2006, p. 17), como posto em:

O letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006, p. 17).

Essa colocação reforça a forma como as alunas perceberam e entenderam a nossa proposta de intervenção, corroborando com o autor citado, quando na fala de uma das nossas alunas, ela apresenta o desejo de que o nosso trabalho tenha contribuído de forma que as pessoas que conseguissem repensar as formas de verem as culturas, e não só a cirandeira do nosso Estado, mas as de outros lugares e/ou outros países.

*“Que de agora em diante vocês consigam entender que a nós somos muitos em um só, e que podemos aprender todos os dias. A Cultura de Lia, não é a única forma de ver um mundo composto por muitas formas, mas é uma delas. Temos em Goiana, as obras de Zé do Carmo<sup>17</sup>, temos as Pretinhas do Congo<sup>18</sup>, temos o restaurando Buraco da Gia<sup>19</sup>, que conta e remonta quem somos agora e o que seremos no futuro.”*

---

<sup>17</sup> Ceramista da cidade, reconhecido no Estado por suas obras religiosas, uma de suas obras está no Vaticano, presente oferecido ao Papa João Paulo II;

<sup>18</sup> Uma agremiação que fazem danças tipicamente indígenas na região;

<sup>19</sup> Restaurante famoso no Brasil por servir guaiamum, prato típico de Goiana. O restaurante já foi visitado por muitos artistas televisivos.

As falas das alunas nos deixaram confiantes de um trabalho alcançado com êxito, pois conseguimos perceber que os objetivos propostos no início do nosso trabalho, como entender a relação da Ciranda (e não só dela), com a (re) construção da identidade cultural na escola foi visto muito de perto, quando as alunas se envolveram tanto a tal ponte de “deixarem” suas famílias em pleno domingo para o fazer trabalho da escola, questionarem e abraçarem as diversidade de ideias e “identidades” trazidas por Lia e suas cirandas, e como os objetivos específicos, foram refletidos nas falas, na escrita do trabalho e na forma de ver a vida, percebida pelos corredores da escola, não só por mim, mas por outros professores também. Instruir os estudantes quanto a importância e composição estrutural do gênero textual em questão; era um dos nossos objetivos específicos e vistos de maneira evidente, quando os estudantes diziam que já tinham ouvido, mas que não tinha “prestado atenção” no que dizia a letra, e depois das nossas oficinas e conversas entre as aulas, eles mostravam mais conhecimento e mais cuidado para entender e interpretar tais canções.

Mostrar as importâncias relacionadas às temáticas abordadas na Ciranda na composição da identidade cultural de um povo e sua fluidez, não é uma tarefa simples; mas conseguimos observar que elas refletiram e entenderam essa capacidade híbrida que temos. Após as oficinas, os estudantes, e em especial as alunas que estavam fazendo a pesquisa para o TCF, sempre abordavam ou “questionavam”, o fato de as cirandas de Lia serem tão simples de entender, com letras que falam das nossas vidas, algumas pessoas compreendem e outras simplesmente repudiam até o “toque” das cirandas, atribuindo a elas, som de “macumba”, e simplesmente, não param para escutar.

Embora a macumba seja um instrumento musical, algumas pessoas atribuem esse termo a religiões de matriz africana, e infelizmente por não conhecer, rotulam de maneira pejorativa e são vistas, ainda com muito preconceito. Mas nossas estudantes, entenderam a proposta e sempre diziam que *“Faz parte da gente”, “Não porque sou evangélica que não posso ouvir ou dançar ciranda, é natural”*, elas vestiram a camisa literalmente falando, já que mandaram confeccionar uma camisa branca com a foto de Lia na frente e um trecho de uma das cirandas dela.

O Professor Historiador e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, José Bartolomeu dos Santos Júnior, que realizou nesta escola sua pesquisa intitulada “Africanidades Brasileiras na Sala de Aula: Identidades e (Re) Conhecimentos” (UFPB-CE-PPGE – 2019) esteve presente na apresentação, a meu pedido, e ressaltou a importância de trazer para dentro de sala de aula as nossas *“africanidades”*, como forma de nos conhecermos melhor e desmistificar os pré-conceitos existentes dentro da nossa sociedade. Salientou que

Goiana é berço de vários movimentos afro-culturais, tais como o imaginário das irmandades e devoções sincréticas, as Pretinhas do Congo, as Bandas Musicais Curica (1848) e Saboeira (1849), Os grupos de Caboclinhos, de Capoeira, as Casas Religiosas de Matriz Afro-Indígenas, As colônias de pescadores, além de Goiana estão inseridas no território do Quilombo de Catucá (Século XIX), onde a Fundação Cultural Palmares reconheceu a comunidade de São Lourenço de Tejucupapo como remanescente dos seguidores dos líderes condecorados com a alcunha de Malunguinho. A fala dele respaldou nosso trabalho diante de alguns estudantes que rejeitavam a proposta, por se tratar de música de “*macumba*”, como alguns disseram.

As colocações postuladas pelas estudantes abrilhantaram a noite e reforçaram todas as pesquisas que elas mesmas fizeram.

## 7.2 ESCRITA – TCF

No que tange a escrita do TCF que foi nosso produto visível, e apalpável, se é que assim se pode dizer, as estudantes escreveram com muita dedicação, pesquisaram muito, leram muito e também apresentaram muitas dificuldades, no manuseio dos programas de computador, Word, em especial.

A proposta do Trabalho de Conclusão do Fundamental, como dito desde a fundamentação teórica visa dar ao estudante orientações e vivências nesse gênero em pauta. Como uma grande parte dos estudantes da EJA, apresentam dificuldades diversas, entendemos que tal proposta é válida e de grande relevância profissional e pessoal para eles. Ao longo da nossa caminhada como professora dessa modalidade de ensino, observamos que um dos aspectos mais significativos a ser trabalhado, além dos que se referem aos “conteudistas”, é a preparação para o mercado de trabalho. Não levantamos dados precisos, mas é interessante ressaltar, mais uma vez, para validar nossas observações, que termos em geral, três tipos de estudantes da EJA da nossa instituição:

1. Aqueles que pararam de estudar há muito tempo e agora com mais idade desejam voltar as cadeiras escolares;
2. Aqueles que precisaram parar de estudar para poder trabalhar, por razões das mais diversas possíveis, e agora precisam terminar os estudos para não ficar “fora” do mercado de trabalho;

3. E os estudantes que simplesmente não se encontraram na escola, foram reprovados muitas vezes, ou que foram mães muito jovens, ou que casaram e seus parceiros simplesmente não as deixava estudar, e estas, abandonam a escola.

De todas as situações descritas acima, a segunda e terceira tem o maior percentual na nossa unidade escolar. Por isso, os TCF's devem ser adaptados às necessidades dos estudantes e a instituição de ensino a que ele está imerso e essas necessidades podem ser muitas. Desde problemas com o lixo, poluição da água, como problemas com saúde mental ou obesidade.

Nossas estudantes queriam mostrar algo diferente e algo que marcasse a escola pela singularidade, nenhuma delas trabalhava fora de casa, mas em alguns momentos algumas delas faltava, por problemas de saúde, de convivência com seus parceiros ou de convivência com seus filhos. Nossas leituras foram dadas a elas para que fosse lido em casa e aos poucos íamos discutindo e escrevendo. Elas traziam sempre que escreviam alguma parte e íamos corrigindo e dando sugestões de vocabulário, ou de conexões, formulações de ideias ou a forma como deveriam abordar o assunto e o que elas queriam trabalhar o tema, foi uma proposta delas e isso foi bem interacional.

O grupo decidiu o título do trabalho “*Lia de Itamaracá: Patrimônio Cultural do Brasil*”, e elas mesmas se dividiram em suas respectivas tarefas, de uma autonomia ímpar, essas alunas. A cada leitura feita, e nas discussões nas oficinas, (ou fora delas), me surpreendia como elas realmente tinham lido e se debruçado sobre a leitura e entendido a proposta do que eu havia apresentado a elas.

Logo na introdução do TCF, elas colocam que:

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sua letra simples e melodiosa, com forte apelo à sinestesia, nos faz entender que somos parte da natureza e que precisamos entendê-la para poder se identificar. Entendemos que essa pesquisa se torna importante porque nos fez refletir sobre as diversas formas de ver o mundo e respeitar a todas, valorizando as culturas, as religiões, as danças e entendendo que todas as coisas diferentes fazem parte de uma verdade única. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

A figura de linguagem “sinestesia” precisou ser trabalhada, já que as estudantes não conheciam, e ela é um dos elementos mais significativos da obra de Lia, demoramos cerca de duas h/a para discutir o assunto e as estudantes entenderem e se apropriarem dele. Usamos para tal a atividade trouxemos um texto de Mario de Andrade, “Esta chuvinha de água viva esperneando luz e ainda com gosto de mato longe, meio baunilha, meio manacá, meio alfazema”. Para elucidar as definições de sinestesia. Entendemos trazer outro autor nesse

momento para que as estudantes compreendessem de maneira mais eficaz. Poderíamos ter usado um dos textos de Lia, mas achamos relevante tal proposta. E no final, elas entenderam de maneira coerente a figura de linguagem em questão.

Outro ponto que elas colocam em pauta a valorização das diversas culturas, além de fazerem uma leitura ampla e também precisa do que elas queriam, corroboraram com a BNCC (2017) e sua colocação no que tange ao respeito às diversas manifestações culturais como sendo propostas essenciais a nossa completude como ser humano.

As alunas leram muitos materiais para escrever o TCF, desde textos sobre a obra e a vida de Lia, até textos levados por mim para ampliar os conhecimentos das estudantes, como dito anteriormente, e um deles, foi um trecho do texto de Antônio Candido (1989):

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 1989, p. 113).

Três das nossas estudantes disseram não ter entendido muito bem o trecho lindo, então assistimos em sala de aula a um pequeno vídeo, em que advogado Celso Lafer comenta as propostas de Candido, no site <[https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/antonio-candido/antonio/?content\\_link=1](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/antonio-candido/antonio/?content_link=1)>, que tange no tocante ao direito humanizador da literatura e a necessidade de fabulação dos indivíduos. Em dois momentos de leitura para a escrita do TFC, precisamos dar uma pausa para tais elucidações das estudantes.

Discutimos o que é, e que o pode ser literatura. Foi uma discussão, obviamente na medida dos conhecimentos prévios das estudantes aliado as leituras feitas. É valido lembrar que na construção do material escrito a interferência do professor pode existir, inclusive nas correções e revisões da ABNT, mas faz-se necessário que o texto tenha o jeito do grupo, as características da equipe que o fez. Isso acontece, devido ao pouco tempo para se fazer tantas atividades, afinal, a construção do TCF é concomitante as outras aulas e disciplinas durante o ano letivo, não há um momento de parar e fazer apenas o TCF, e/ou ter aulas específicas de normativas acadêmicas. Embora eu o tenha feito como dito no corpo do texto. Obviamente, nós professores, o fazemos na medida do possível, e esse último é um tópico que tem menor nota a avaliação da banca. Os maiores pontos são: a) a relevância do projeto para a unidade escolar, b) a apresentação oral entendida como domínio de conteúdo, c) organização da equipe entendido como apresentação dos slides, das falas, dos folhetos (se houver), d) postura da equipe no dia da apresentação, e) engajamento para desenvolver o trabalho (que é dada pelo

professor orientador). Essas colocações para pontuação variam de acordo com cada escola e sua equipe pedagógica. Elas salientaram no trabalho:

Para desenvolver esta pesquisa nos atemos a Ciranda de Lia de Itamaracá; manifestação oral que pertence ao gênero literário, e que na região do litoral norte de Pernambuco é bastante conhecida entre seus brincantes, embora muitos desconheçam a razão pela qual tais músicas sejam pertencentes a nossa região, e muito menos do que as letras tratam efetivamente, qual a carga identitária carregam e qual a parte da nossa história são lembradas no momento em que se faz a roda de ciranda. Muitas pessoas não sabem o real valor da obra de Lia e de sua importância para a literatura pernambucana, e mundial.

Outro ponto que foi bastante discutido com as estudantes foi à noção de “identidade”, e pelo que elas escreveram e falaram elas entenderam de forma ideal, para as concepções do TCF, já que o mesmo não visa um aprofundamento tão acadêmico dos termos, mas sim de trazer propostas de “soluções” ou “visibilidade” para algum determinado tema visto como relevante pelos estudantes. Essa noção de identidade ficou nítida as aulas e nas falas, e na postura das estudantes ante a escrita, na fala e na postura das estudantes.

Nos objetivos, requisito do texto escrito, elas trouxeram:

#### **OBJETIVOS GERAL**

- Conhecer a vida e obra de Lia de Itamaracá e a importância;

#### **ESPECÍFICOS**

- Ler as Letras das Cirandas de Lia;
- Aumentar o conhecimento da cultura local;
- Valorizar as produções da cultura local.

Os três objetivos específicos posto pelas estudantes foram trazidos ao longo do texto, e embora o texto do TCF sendo preso as especificidades do gênero em questão, elas podem ter um pouco mais de liberdade para a escrita e as propostas delas, o texto não precisa estar preso as convenções acadêmicas como, nós da academia estamos habituados a ver, percebemos o TCF, textos mais leves e sem tantos rigores de comprovação científica, embora o tenha, não é precisa ser nada de “inédito”, é para que os estudantes tenham seu primeiro contato com um gênero que vai ser mais comum a eles no ensino médio e do ensino técnico/superior, que consideramos ser de grande valia para vida desses estudantes no seu fazer estudantil, ressaltando que estamos dando essa ênfase na “leveza” do texto, querendo relembrar que é um



texto que exige pesquisa, mas essa pesquisa não precisa ser única. Percebemos que o TCF das estudantes foi limpo, sem vocabulário rebuscado, o texto ficou simples e objetivo, fácil de entender e de encontrar as referências, já que elas usaram textos com fontes na internet.

Na Fundamentação teórica, as estudantes trouxeram o trabalho de Lia e toda a grandiosidade de sua obra e sua relevância social e acadêmica. Eles permearam de maneira brevemente sobre o tema da identidade, acredito que por receio em entrar em um tópico complexo e diverso. Elas entenderam as relações de composição das nossas identidades e que não somos compostos de maneira única, mas híbrida e mutante ao longo de nossa vida. Entenderam que é preciso também valorizar as vivências simples que estão a nossa volta e nas letras das canções de Lia, já que umas refletem as outras.

As cirandas pernambucanas de Lia são cantadas por muitos. Ela é referencial da cultura pernambucana, Lia de Itamaracá, hoje, é uma das lendas vivas do Estado e do mundo e continua morando na ilha de Itamaracá.

Entendemos assim, que Lia e sua obra deve ser estudada e preservada para que possamos entender quais nossas origens, já que as letras das cirandas falam do amor, do amor, da vida pesqueira, da forte ligação com a coletividade, e são canções bastante ouvidas em nossa região.

Em relação à conclusão as estudantes trouxeram questões relevantes ao posicionamento de Lia como mulher e sua história como Cirandeira e como mestre da Cultura de Pernambuco e do Brasil. O trabalho das estudantes trouxe algumas das letras das cirandas que trabalhamos em sala de aula. Além de mais uma vez, ressaltar a importância do encontro que tiveram com Lia e esse significado para elas.

Essa mulher que conseguiu levar nossa história para diversas partes de mundo e ganhou visibilidade em países que nem falam português, por causa da sua força e alegria. O nosso encontro com Lia de Itamaracá foi muito importante, um encontro que marcou nossa pesquisa, pois nos fez ver de perto uma pessoa que tem uma importância tão grande para nosso Estado e nossa cultura.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguimos observar, com as nossas intervenções, que as oficinas por Cosson (2014), fez-nos ver, de forma mais contextualizada, a nossa pretensão que era fazer os alunos refletirem. Tornar o uso, o consumo e as vivências da literatura de maneira significativa, contribuindo para a formação de um leitor para além das decodificações, uma realidade, infelizmente ainda muito comum, na Educação de Jovens e Adultos. Percebemos que as contribuições da literatura para os nossos estudantes contribuem, de maneira eficiente, para a apropriação de autonomia e um grau de reflexão e criticidade, em relação ao que eles passaram a entender o que deveria ser Literatura.

Observamos que os estudantes conseguiram a partir, das oficinas realizadas posicionar-se diante de textos literários, identificando-os, questionando suas propostas “afirmando ou retificando valores culturais”, postas nas poesias, músicas, prosas ou manifestações culturais “elaborando e expandindo sentidos”, identitários ou não, coletivos ou não, as leituras literárias podem dar visibilidade a diversos “eus”, que, por vezes, desprezamos ou que, às vezes, sabemos, mas insistimos em silenciar. Nossa proposta foi entendida pelos alunos como uma ampliação nos tipos de leitura que se tem na escola e como elas podem dialogar com nossas vidas de formas diretas o não, a partir de senso crítico e autônomo dos estudantes. Questionando, leituras engessadas que geralmente chegam às salas de aula de maneira pronta e determinadas pelas secretarias de educação, sem levar em conta a realidade do estudante, da comunidade, da história e da identidade deles.

Percebemos que nossos discentes além de conseguirem, e de alcançar os objetivos propostos na fundamentação inicial, melhoraram a autoestima, a habilidade oral e a capacidade de trabalho em grupo. Outro ponto que merece destaque foi o nível de frequência da turma que se manteve, durante o ano, mesmo com algumas intercorrências naturais do ano letivo, da vida de trabalhador, de mãe, de filha, eles conseguiram se ajudar e mantiveram a sala em atividade sempre.

Para nós, que vemos quanto os nossos estudantes cresceram e entenderam a proposta da intervenção, pois eles entenderam a proposta “humanizadora” da literatura, foi muitíssimo gratificante. Eles perceberam o pleno sentido do texto literário e suas possibilidades de interação e integração social, emocional e significativo. Ouvir expressões como: “Foi maravilhoso conhecer Lia”, “Eu nunca tinha visto a Ciranda por esse ponto de vista”, “Quando vamos viajar de novo”, “Ela é uma guerreira, venceu muitas coisas, até a fome”, “Eu amei conhecê-la, me senti tão bem, me deu muita força”.

Foi de extrema significância para mim, de uma satisfação sem tamanho, ver e ouvir os estudantes se identificando e se reconhecendo na literatura, na Ciranda de Lia de Itamaracá, e tais atos me trouxeram prazer e uma satisfação pessoal incomparável. Nossa proposta de pesquisa ficou marcada na vida dos estudantes de forma intrigante e positiva, contribuindo e trazendo à luz a literatura com um olhar mais prático e real na vida. Uma literatura com direito a história e (re) conhecimento de si e de outros.

A possibilidade de saber e entender para (re) construir e/ou (re) pensar suas identidades e posicionar-se de forma mais política diante delas deu aos estudantes a oportunidade de adquirir uma nova forma de ver o mundo e entender as literaturas diversas, em suas múltiplas formas e aspectos. Fazemos parte desse mundo e ele está sempre em mudança, consequentemente todos nós também estamos não somos imutáveis, e os elementos literário-culturais que estão ao nosso redor são os que mais nos dizem sobre nossa capacidade de mudarmos a nós mesmos e o outro.

Corroborando nossas colocações, ao longo da pesquisa, e reforçando a necessidade de e trabalhar literatura em sala de aula de maneira significativamente acessível. As alunas puderam ampliar seus repertórios cultural e literário, entender e (re) significar as ideias de identidades que estão presente em nossa vida em diversos ambientes e espaços. Os espaços em que a Ciranda está presente são maiores do que podemos imaginar, na simplicidade da vida, levando a etimologia do adjetivo anterior no sentido mais amplo possível. Corroborando BNCC, no que diz respeito a proposta de valorização e a valorização das expressões e reconhecimentos das culturas locais, ressaltando as multiplicidades da oralidade e da adaptação dessa modalidade da língua em seus territórios linguísticos propícios.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC), 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 03 out. 2018.

BRASIL, **Resolução CNE/CEB n.º 3**, de 15 de junho de 2010. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaosvinculados](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaosvinculados). Acesso em: 08 mar. 2019.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL, **Resolução CNE/CEB**, de 5 de julho de 2000. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. 2000.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 1998.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Cotidiano escolar e práticas interculturais**. *Cad. Pesqui.* [online]. 2016, vol.46, n.161, pp.802-820. ISSN 0100-1574. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143455>.

CANDIDO, Antônio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos e... Cjp** / Ed. Brasiliense, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. 1967.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1.ed., SP: Cortex, 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DE ITAMARACÁ, LIA. **Eu Sou Lia**, A Rainha da ciranda – Tapeçar, 1977.

DE ITAMARACÁ, LIA. **Minha ciranda**. A Rainha da ciranda – Tapeçar, 1977. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lia-de-itamaraca/399583/>. Acesso em: 23 nov. 2018.

DE ITAMARACÁ, LIA. **Janaína**. Eu sou Lia – Rob Digital. 2000. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lia-de-itamaraca/399577/>. Acesso em: 23 nov. 2018.

DE ITAMARACÁ LIA. **Meus cabelos brancos**. Eu sou Lia – Rob Digital. 2000. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/lia-de-itamaraca/399582/>. Acesso em: 23 nov. 2018.

DE ITAMARACÁ, LIA. **Nagô, Nagô**, Eu sou Lia – Rob Digital, 2000.

DE ITAMARACÁ, LIA. **Limoeiro**, Ciranda de Ritmos – EDU, 2008.

DE ITAMARACÁ, LIA. **Mamãe Oxum**, Ciranda de Ritmos – EDU, 2008.

DINIS, Jaime. Ciranda: roda de adultos no folclore pernambucano. **Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística**. Recife, 1960.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, nº. 16, 2000, PP.181-191. Universidade Federal do Paraná. Paraná. Brasil. P.3-4.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Práticas Educativas**. São Paulo, 1996 (Coleção Leitura); Paz e Terra, 40ª reimpressão, 2009.

FREIRE, **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FUNDARPE. **Centro Cultural Estrela de Lia a um passo da reconstrução**. Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/fundarpe/centro-cultural-estrela-de-lia-a-um-passo-da-reconstrucao/>. Acesso em: 27 set. 2019.

GUABIRABA, João da. Ciranda, dança da moda In: VICENTE, Tâmisia Ramos. **Vamos cirandar**: políticas públicas de turismo e cultura popular. Recife: Ed. Universitária da UFPE: Olinda: associação Reviva, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. 12ªed. Rio de Janeiro. Lamparina, 2015.

KLEIMAM, Ângela. **Abordagens de Leitura**. SCRIPTA, Belo Horizonte, 2004. vol 7. Nº 14 pp 13-22.

KLEIMAM, Ângela (org.). **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LAMAIRE, Ria. **Song for a Sleepless Night – um imenso palimpsesto**. Revista de Estudos Feministas, junho, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. 296 p.

MELO, Josemir Camilo de. **Cultura, Memória Coletiva e Identidade Étnica na Ciranda de Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande (PB)**. Anais de X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: história e política. Recife, Ed. Universitária, 2010.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador de leituras literárias. In: **Literatura: ensino fundamental/** Coordenação: Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PÉREZ, F.C.; GARCÍA, J.R. A alfabetização como meio de recriar a cultura. In: PÉREZ, F.C.; GARCÍA, J.R. (orgs.) **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto Alegre: ARTMed, 2001, p. 45-52.

PYRRHO, Vj. **Eu sou Lia**. Documentário idealizado pelos alunos da Faculdade Mauricio de Nassau, Recife - PE, 2008. (22min01 s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FPpPg\\_UWtG0](https://www.youtube.com/watch?v=FPpPg_UWtG0). Acesso em: 03 jan. 2019.

RABELLO, E. **Ciranda: dança de roda, dança da moda**. Recife: Universitária, 1979.

SANTOS JÚNIOR, José Bartolomeu dos. **Africanidades Brasileiras na Sala de Aula: identidades e (re) conhecimentos**. João Pessoa – PB, UFPB-CE-PPGE, 2019 (Dissertação de Mestrado em Educação – Linha de Pesquisa: Educação Popular).

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de Literatura na Escola** - Série Estratégias de Ensino 39. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

ZILBERMAN, Regina. A universidade brasileira e o ensino das literaturas de língua portuguesa. In: BORDINI, Maria da Glória; REMÉDIOS, Maria Luiza e ZILBERMAN, Regina. **Crítica do tempo presente**. Porto Alegre: IEL; Nova Prova, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaio**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira (et al). Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

## APÊNDICES

## [Apêndice A] – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Gerência Regional de Educação da Mata Norte – Nazaré da Mata

- Escola Cel. José Pinto de Abreu – Ensino Fundamental -

**Ensino Fundamental e Médio**

Dec.nº 19.149 de 17/06/1996 – Ins. Est. 156.003 – CNPJ 10.572.071/1709-72 - Código INEP 26089238

Av. Nunes Machado, s/nº - Goiana – Pernambuco – CEP- 55.900-00

Fones: 3626-8668 / 3626-8669

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr.(a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: **IDENTIDADE CULTURAL NAS CIRANDAS DE LIA DE ITAMARACÁ: LITERATURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA**, , desenvolvida por **MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA**, aluno regularmente matriculado no **MESTRADO PROFISSIONAL PROFLETRAS-** do Centro de **CENTRO DE CIENCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO** da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do professor **Drº HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES**.

Os objetivos da pesquisa são: Entender a relação da Ciranda com a (re) construção da identidade cultural na escola; instruir os estudantes quanto a importância e composição estrutural do gênero textual em questão; mostrar a importância relacionadas as temáticas abordadas na Ciranda na composição da identidade cultural de um povo; observar até que ponto esses indivíduos se reconhecem “identitários” (ou não) dessa cultura

Justifica-se o presente estudo por se tratar de salvaguardar a cultura do um povo já que literatura sobre o tema é escassa e pouco divulgada, fato que despertou real interesse em estudá-lo e divulgá-lo.

A participação do (a) sr.(a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor.

Caso decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento dele desistir, nenhum prejuízo lhe será atribuído, sendo importante o esclarecimento de que os riscos da sua participação são considerados mínimos, limitados à possibilidade de eventual desconforto psicológico ao responder o



questionário que lhe será apresentado, enquanto que, em contrapartida, os benefícios obtidos com este trabalho serão importantíssimos e traduzidos em esclarecimentos para a população estudada.

Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o seu nome será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de vossa senhoria implique em algum tipo de despesas, as mesmas serão ressarcidas pelo pesquisador responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de minha imagem nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pelo pesquisador responsável, como trata-se de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pelo pesquisador responsável quanto por mim.

Goiana, \_\_\_\_ de março de 2019.

---

Manuela Xavier R. de Souza

Pesquisador responsável

---

Participante da Pesquisa

Pesquisador Responsável: Prof. Ms. Carlos ...

Endereço do Pesquisador Responsável: Lot. Alto da Boa Vista, 110 – Centro – Goiana-PE – 55900-000 [manuelinhax@gmail.com](mailto:manuelinhax@gmail.com) fone: (81) 99263-4899

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: [eticaccs@ccs.ufpb.br](mailto:eticaccs@ccs.ufpb.br) – fone: (83) 3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCS/UFPB – João Pessoa-PB - CEP 58.051-900

**OBSERVAÇÃO:** No caso do pesquisado ser analfabeto, deverá ser colocado o quadrículo para colocação da impressão datiloscópica, assim como deverá ser inserido o espaço para colocação da assinatura de uma testemunha.

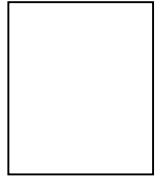
---

Manuela Xavier R. de Souza

Pesquisador responsável

---

Testemunha



**[Apêndice B] –TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO  
FUNDAMENTAL**

**ESCOLA CORONEL JOSÉ PINTO DE ABREU  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO FUNDAMENTAL**

Ana Carla Barbosa de Santana

Cristiane Cândido Pereira

Erica Felix da Silva

Idaiara Raiana F. Machado

Joelma

Márcia Luciano de Oliveira

**LIA DE ITAMARACÁ: PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL**

**GOIANA**

**2019**

**ESCOLA CORONEL JOSÉ PINTO DE ABREU**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO FUNDAMENTAL**

**LIA DE ITAMARACÁ: PATRIMONIO CULTURAL DO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
banca de professores para aprovação de conclusão  
o Ensino Fundamental na Escola Coronel José  
Pinto de Abreu

**GOIANA**

**2019**

**ESCOLA CORONEL JOSÉ PINTO DE ABREU**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO FUNDAMENTAL**

**Banca composta pelos professores:**

---

---

---

**Goiana**

**2019**

## 1 INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa vai nos ajudar a compreender a forma de ver o mundo no qual estamos inseridos, a Ciranda de Lia de Itamaracá está muito presente na nossa cidade e quase não sabemos o porquê ela toca tanto, e dançamos ao seu som, sem entender a razão.

Vamos apresentar quem é Lia de Itamaracá e toda a sua história, vamos trazer a força de suas letras e a importância dela para nossa história do povo da nossa cidade e entornos.

Fizemos uma busca bibliográfica para comprovar nossa proposta e entendemos que Lia com toda a sua história, carrega consigo uma grande parte da identidade do povo de Pernambuco, do qual fazemos parte todos nós. Sua letra simples e melodiosa, com forte apelo a sinestesia, faz-nos entender que somos parte da natureza e que precisamos entendê-la para poder se identificar. Entendemos que essa pesquisa se torna importante, porque nos fez refletir sobre as diversas formas de ver o mundo e respeitar a todas, valorizando as culturas, as religiões, as danças e entendendo que todas as coisas diferentes fazem parte de uma verdade única.

## 2 JUSTIFICATIVA

Conhecer as origens da nossa história, entender o que é e o que deve ser considerado literatura, dentro de um universo vasto de leituras diversas, é de fundamental importância para perceber que a literatura está em muitos lugares e espaços. Sabendo disso, entendemos que esse conhecimento pode ser um importante fator de inclusão social, já que a literatura é importante meio de humanização, além de nos garantir um meio de garantir a lucidez, já que, como Candido (1989), acreditamos que ninguém consegue viver vinte e quatro horas sem fugir da realidade, pois para o mesmo autor, a literatura é “o sonho acordado da civilização” (p. 112). É através da literatura que temos contato direto com uma parte da nossa história, das nossas memórias, nossas fantasias, nos ajudando a entender os nossos processos identitários com determinada cultura.

Por certo, muitas das nossas histórias foram perdidas ao longo do caminho, já que, nem todas as obras foram registradas de forma gráfica e outras tantas se foram com seu povo. Muitas vezes, a forma de nos aproximarmos de um gênero literário é por meio da oralidade, que é uma prática social interativa para fins comunicativos, que pode se apresentar de diversas formas. Pensando nessa modalidade de literatura, fizemos um recorte de um gênero que é posto à margem do cânone literário brasileiro, e visto como parte do folclore: a Ciranda, gênero literário

que traz para seus conhecedores uma parte da história oralizada e que abarca uma parte que foi negada, da situação de um povo.

Para desenvolver esta pesquisa, atemo-nos a Ciranda de Lia de Itamaracá; manifestação oral que pertence ao gênero literário, e que na região do litoral norte de Pernambuco, é bastante conhecida entre seus brincantes, embora muitos desconheçam a razão pela qual tais músicas sejam pertencentes a nossa região, e muito menos do que as letras tratam efetivamente, qual a carga identitária carregam e qual a parte da nossa história são lembradas no momento em que se faz a roda de ciranda. Muitas pessoas não sabem o real valor da obra de Lia e de sua importância para a literatura pernambucana, e mundial.

Esta pesquisa, então, buscou fazer um recorte histórico, trazendo à luz a literatura cirandeira, por meio de pesquisadores que dedicaram esforços em investigação que podem ampliar a nossa visão em relação a gêneros literários que carregam consigo uma parte da história popular, que por vezes, ficam a margem do rol canônico literário. Não é que a Ciranda não possa fazer parte da lista de temas folclóricos, por exemplo, mas é que tal proposta é, inicialmente, frágil e simplista demais para tal riqueza de produção, e auto representação identitária, o que diminui seu poder de representação como apresentado por Cascudo (1967)

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Conhecer a vida e a obra de Lia de Itamaracá e a importância para literatura;

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Ler as Letras da Cirandas de Lia;
- Aumentar o conhecimento da cultura local;
- Valorizar as produções da cultura local.

### **4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Segundo a Fundação Joaquim Nabuco, e seu sitio oficial, Maria Madalena Correia do Nascimento nasceu no dia 12 de janeiro de 1944, na ilha de Itamaracá, em Pernambuco. Sempre morou na Ilha e começou a participar de rodas de ciranda desde os 12 anos de idade. Foi a única

de 22 filhos a se dedicar à música. Segundo ela, trata-se de um dom de Deus e uma graça de Iemanjá.

Mulher simples, com 1,80m de altura, canta e compõe desde a infância e hoje é considerada a mais famosa "cirandeira" do Nordeste brasileiro, é conhecida mundialmente.

Maria Madalena começou a ficar conhecida como *Lia de Itamaracá*, nos anos 1960 e é a fonte de um refrão famoso:

*Oh cirandeiro  
cirandeiro oh  
a pedra do teu anel brilha mais do que o sol.*

Outro sucesso de Lia que quase todas as pessoas conhecem é:

*Esta ciranda quem me deu foi Lia  
que mora na ilha de Itamaracá".*

Em 1977, Lia gravou seu primeiro disco, intitulado *A Rainha Da Ciranda*, não recebendo, nenhum pagamento pelo trabalho de dias e noites em período de gravação. Mais de duas décadas depois foi redescoberta, quando o produtor musical Beto Hees, que a levou para participar do festival *Abril Pro Rock*, realizado no Recife e em Olinda, em 1998, onde fez grande sucesso e tornou-se conhecida em todo o Brasil. Antes ela só era famosa em Pernambuco e entre compositores e estudiosos da cultura popular nordestina.

Em 2000, saiu seu CD *Eu Sou Lia*, lançado pela Ciranda Records e reeditado pela Rob Digital, cujo repertório incluía coco de raiz e de maracatu, além de cirandas acompanhadas por percussões e saxofone.

O CD acabou sendo distribuído na França por um selo de *world music* e a voz rascante de Lia chamou a atenção da imprensa internacional, que começou a batizar suas canções de *trance music*, numa tentativa de explicar o “transe” que o som causava no público.

Mesmo obtendo um sucesso tardio, fez turnês internacionais, obtendo muitos elogios. O jornal *The New York Times* a chamou de “*diva da música negra*”. No Brasil, Lia também conquistou mais espaço. Participou com uma faixa no CD *Rádio Samba*, do grupo Nação Zumbi, teve seu nome citado em versos dos compositores pernambucanos Lenine e Otto, e críticos de música a compararam a Clementina de Jesus.

Pernambucana, Lia de Itamaracá, hoje, é uma das lendas vivas do Estado e do mundo e continua morando na ilha de Itamaracá.



Entendemos assim, que Lia e sua obra devem ser estudadas e preservadas para que possamos entender quais nossas origens, já que as letras das cirandas falam do amor, da vida pesqueira, da forte ligação com a coletividade, e são canções bastante ouvidas em nossa região.

Uma das canções que Lia de Itamaracá interpreta foi gravada em 1977, em “Rainha da Ciranda”, e diz:

*Eu sou Lia da beira do mar  
Morena queimada do sal e do sol  
Da Ilha de Itamaracá;  
quem conhece a Ilha de Itamaracá  
Nas noites de Lia  
prateando o mar  
Eu me chamo Lia e vivo por lá  
Cirandando a vida na beira do mar  
Vejo o firmamento,  
Vejo o mar sem fim  
E a natureza ao redor de mim  
Me criei cantando  
Entre o céu e o mar;  
Nas praias da Ilha de Itamaracá*

Lia de Itamaracá e suas letras que falam dos negros de forma simples, as origens do mar e o ritual dos pescadores, a valorização da sua cultura pesqueira, Iemanjá, de quem ela diz ser filha. As mulheres nas letras de Lia e de suas Cirandas são marcadas de maneira muito evidente, para ela, não há diferença entre homens ou mulheres, classes sociais ou econômicos, todos são tidos como humanos e dignos de amar.

As letras também são curtas e falam de ressentimento como numa das canções do disco “Ciranda de Ritmos”, de 2008, de autoria de Lia:

*Baixa Limoeiro que hoje eu quero apanhar limão,  
quero lavar as mágoas que tenho guardadas no coração*

O que torna a Ciranda de Lia, muito rica em sua arte de pensar o mundo e nos fazer pertencera ela.

## 5 CONCLUSÃO

Após toda a pesquisa que fizemos, conseguimos entender que devemos guardar e valorizar a cultura do nosso Estado e respeitar todas as formas de vida que estão nas músicas de Lia de Itamaracá. Essa mulher que conseguiu levar nossa história para diversas partes de

mundo e ganhou visibilidade em países que nem falam português, por causa da sua força e alegria. O nosso encontro com Lia de Itamaracá foi muito importante, um encontro que marcou nossa pesquisa, pois nos fez ver de perto uma pessoa que tem uma importância tão grande para nossa Estado e nossa cultura.

As letras das músicas de Lia nos mostram como é importante valorizar a outra pessoa, a terra, o mar, as diversas formas de viver e de ser feliz, na simplicidade das coisas e das pessoas.

Esperamos que nosso trabalho tenha contribuído de forma que as pessoas que leiam consigam repensar as formas de verem a cultura cirandeira do nosso estado.

#### APÊNDICE A - PLANO DE VOO

|                                             |                                                                                                                                                    |
|---------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Plano de Vôo</b>                         | <b>4ª Fase A – Língua Portuguesa</b>                                                                                                               |
| <b>Tema de Investigação:</b>                | <b>Lia De Itamaracá: Patrimônio Cultural Do Brasil</b>                                                                                             |
| <b>Participantes do Grupo:</b>              | Ana Carla Barbosa de Santana<br>Cristiane Cândido Pereira<br>Erica Felix da Silva<br>Idaiara Raiana F. Machado<br>Márcia Luciano de Oliveira       |
| <b>Componentes Curriculares Envolvidos:</b> | Linguagens (Língua Portuguesa, Artes, Literatura, história)                                                                                        |
| <b>Problema Mobilizador:</b>                | Conhecer a vida e obra de Lia de Itamaracá e a importância para o povo de Pernambuco;                                                              |
| <b>Produto Final:</b>                       | Apresentação Cultural                                                                                                                              |
| <b>Etapas:</b>                              | Reuniões periódicas com a equipe e o professor orientador; roda de conversa; seleção de letras de músicas; fotos; relatório sobre tema.            |
| <b>Recursos:</b>                            | Caneta, Lápis, smartphones, data show.                                                                                                             |
| <b>Fonte da Pesquisa:</b>                   | Dados Científicos, sites, artigos, livros e documentários.                                                                                         |
| <b>Cronograma:</b>                          | 09/05 Primeira abordagem do tema;<br>16/05 Debates sobre o tema;<br>23/05 Separação das funções dos membros dos grupos;<br>30/05 Roda de Conversa; |

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>06/06 Leitura de textos sobre o assunto e seus dados estatísticos;</p> <p>13/06 Relatórios;</p> <p>23/06 Reunião sobre montagem dos slides e apresentação do trabalho;</p> <p>26/06 encontro com Lia, na Ilha de Itamaracá.</p> <p>28/06 Debate e roda de conversa sobre o encontro com Lia;</p> <p>____ Exposição do Trabalho como apresentação cultural</p> |
|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

## [Apêndice C] – TEXTOS TRABALHADOS PARA A OFICINA 2

### CRISTIANISMO “CATÓLICO”

Religião abraâmica monoteísta centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como são apresentados no Novo Testamento. A fé cristã acredita essencialmente em Jesus como o Cristo, Filho de Deus, Salvador e Senhor. A religião cristã tem três vertentes principais: o Catolicismo Romano (subordinado ao bispo romano), a Ortodoxa Oriental (se dividiu da Igreja Católica em 1054 após o Grande Cisma) e o Protestantismo (que surgiu durante a Reforma do século XVI). O protestantismo é dividido em grupos menores chamados de denominações. Os cristãos acreditam que Jesus Cristo é o Filho de Deus que se tornou homem e o Salvador da humanidade, morrendo pelos pecados do mundo. Geralmente, os cristãos se referem a Jesus como o Cristo ou o Messias.

Os seguidores do cristianismo, conhecidos como cristãos, acreditam que Jesus seja o Messias profetizado na Bíblia Hebraica (a parte das escrituras comum tanto ao cristianismo quanto ao judaísmo). A teologia cristã ortodoxa alega que Jesus teria sofrido, morrido e ressuscitado para abrir o caminho para o céu aos humanos;<sup>[5]</sup> Os cristãos acreditam que Jesus teria ascendido aos céus, e a maior parte das denominações ensina que Jesus irá retornar para julgar todos os seres humanos, vivos e mortos, e conceder a imortalidade aos seus seguidores. Jesus também é considerado para os cristãos como modelo de uma vida virtuosa, e tanto como o revelador quanto a encarnação de Deus. Os cristãos chamam a mensagem de Jesus Cristo de Evangelho ("Boas Novas"), e por isto referem-se aos primeiros relatos de seu ministério como evangelhos.

O cristianismo desempenhou um papel de destaque na formação da civilização ocidental pelo menos desde o século IV. No início do século XXI o cristianismo conta com entre 2,3 bilhões de fiéis, representando cerca de um quarto a um terço da população mundial, e é uma das maiores religiões do mundo. O cristianismo também é a religião de Estado de diversos países.

É uma religião afro-brasileira derivada de cultos tradicionais africanos, na qual há crença em um Ser Supremo (Olorum, Mawu, ou Nzambi, dependendo da nação) e culto dirigido a forças da natureza personificadas na forma ancestrais divinizados: orixás, voduns ou inquices, dependendo da nação.

De origem totêmica e familiar, é a religião declarada de 0,3% da população brasileira, segundo dados do Censo 2010 do IBGE. Também é possível encontrar praticantes em outros países como Uruguai, Argentina, Áustria, Suíça, Itália, Alemanha, Portugal e Espanha .

## CANDOMBLÉ

Inicialmente reprimido pela sociedade escravocrata, pela Igreja Católica, pelo Estado e rejeitado pela sociedade; o candomblé (como outros cultos de matriz africana), "formavam, até meados do século XX, uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos, e depois dos afro-descendentes [...] muita coisa mudou, fazendo dessas religiões organizações de culto desprendidas das amarras étnicas, raciais, geográficas e de classes sociais". Dessa forma, os elementos culturais que compõem o candomblé são, na atualidade, uma parte integrante da cultura do folclore brasileiros.

O candomblé não deve ser confundido com a umbanda ou com outras religiões afro-brasileiras e afro-americanas com similar origem (tambor de mina, omolokô, xangô pernambucano ou batuque brasileiros; vodú haitiano, a santería cubana, o obeah e o kumina jamaicanos, o winti surinamês, dentre outras), as quais foram desenvolvidas independentemente do candomblé e são virtualmente desconhecidas no Brasil.

## CRISTIANISMO “PENTECOSTAL”

Movimento cristão, surgido no século XVII, depois da Reforma Protestante, tornando-se uma vertente organizada com o surgimento, dos metodistas entre os anglicanos, dos puritanos entre os calvinistas, ambos na Inglaterra e dos pietistas entre os luteranos na Alemanha e Escandinávia. O movimento tornou-se ainda mais significativo nos Estados Unidos durante o Grande Despertamento dos séculos XVIII e XIX, onde conseguiu muito mais membros do que na Europa. O movimento continua a atrair adeptos em nível mundial no século XXI, especialmente no mundo em desenvolvimento. É um movimento que reúne vários sub-movimentos, como Igrejas Reformadas, Igreja Batista, Pentecostalismo, Movimento Carismático, Cristianismo não denominacional.

O evangelicalismo desenfaz o ritual e enfatiza a piedade do indivíduo, exigindo-lhe que cumpra certos compromissos ativos, incluindo:

- A necessidade de conversão pessoal ou de "renascimento";
- Um grande respeito pela autoridade bíblica;

- Ênfase em ensinamentos que proclamam a morte redentora e a ressurreição do Filho de Deus, Jesus Cristo;
- Expressar e compartilhar ativamente o evangelho;

## ESPIRITISMO

Doutrina espírita, kardecismo ou espiritismo kardecista é uma doutrina religiosa e filosófica mediúnica ou moderno espiritualista. Foi "codificada" (ou seja, tomou corpo de doutrina - pela universalidade dos ensinamentos dos espíritos) pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, usando o pseudônimo Allan Kardec.

Apesar de ser uma religião completa e autônoma apenas no Brasil, o espiritismo tem se expandido e, segundo dados do ano 2005, conta com cerca de 15 milhões de adeptos espalhados entre diversos países, como Portugal, Espanha, França, Reino Unido, Bélgica, Estados Unidos, Japão, Alemanha, Argentina, Canadá, e, principalmente, Cuba, Jamaica e Brasil, sendo que este último tem a maior quantidade de adeptos no mundo. No entanto, vale frisar que é difícil estipular a quantidade existente de espíritas, pois as principais estipulações sobre isso são baseadas em censos demográficos em que se é perguntado qual a religião dos cidadãos, porém nem todos os espíritas interpretam o Espiritismo como religião.

## HINDUÍSMO

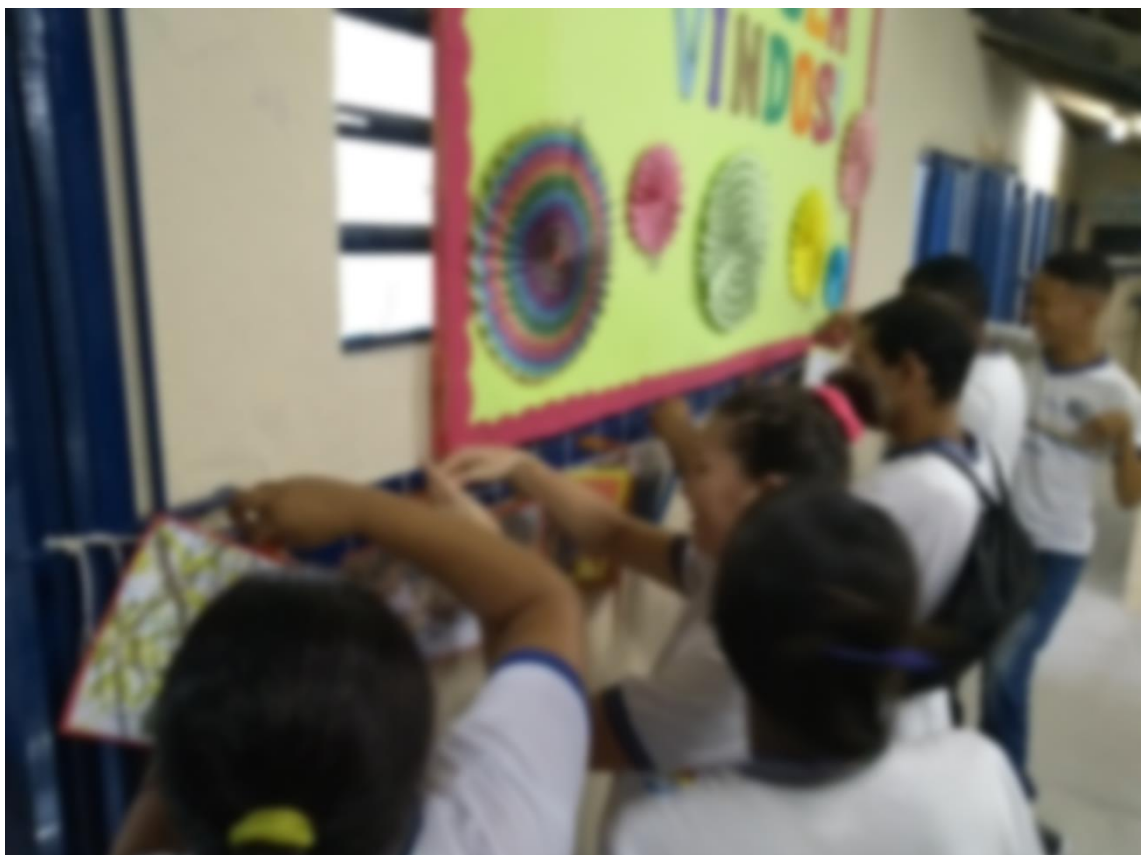
Filosofia ou religião não teísta que surgiu originalmente na Índia por volta do século VI A.C. e abrange diversas tradições, crenças e práticas baseadas nos ensinamentos, o Dharma (páli: Dhamma, sânscrito: Dharma), de Siddhartha Gautama, intitulado de Buddha. É dividido em três grandes tradições: theravada (também chamado de hinayana) mahayana e vajrayana (ou tantrayana). Essas tradições englobam as mais diversas escolas budistas como o zen, terra pura, kadampa e o budismo tibetano. É estimado que existam 500 milhões de seguidores no mundo, sendo considerada a quinta maior religião em número de adeptos no mundo. O maior número de seus seguidores encontra-se no oriente em países como Japão, China, Tibete e Tailândia.

No Brasil, segundo o censo de 2010, residem aproximadamente 245 mil budistas.

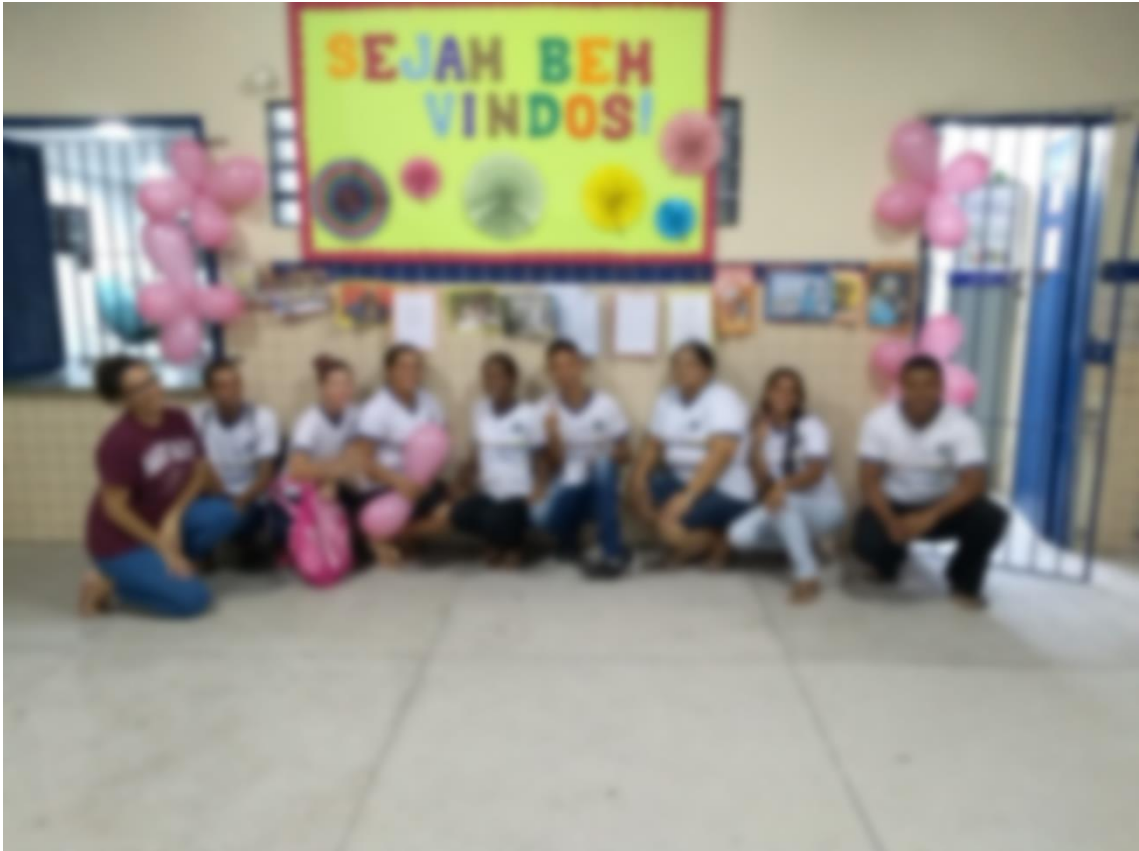
**[Apêndice D] – EVIDÊNCIA DAS OFICINAS 1, 2 E 3**

**Oficina I**



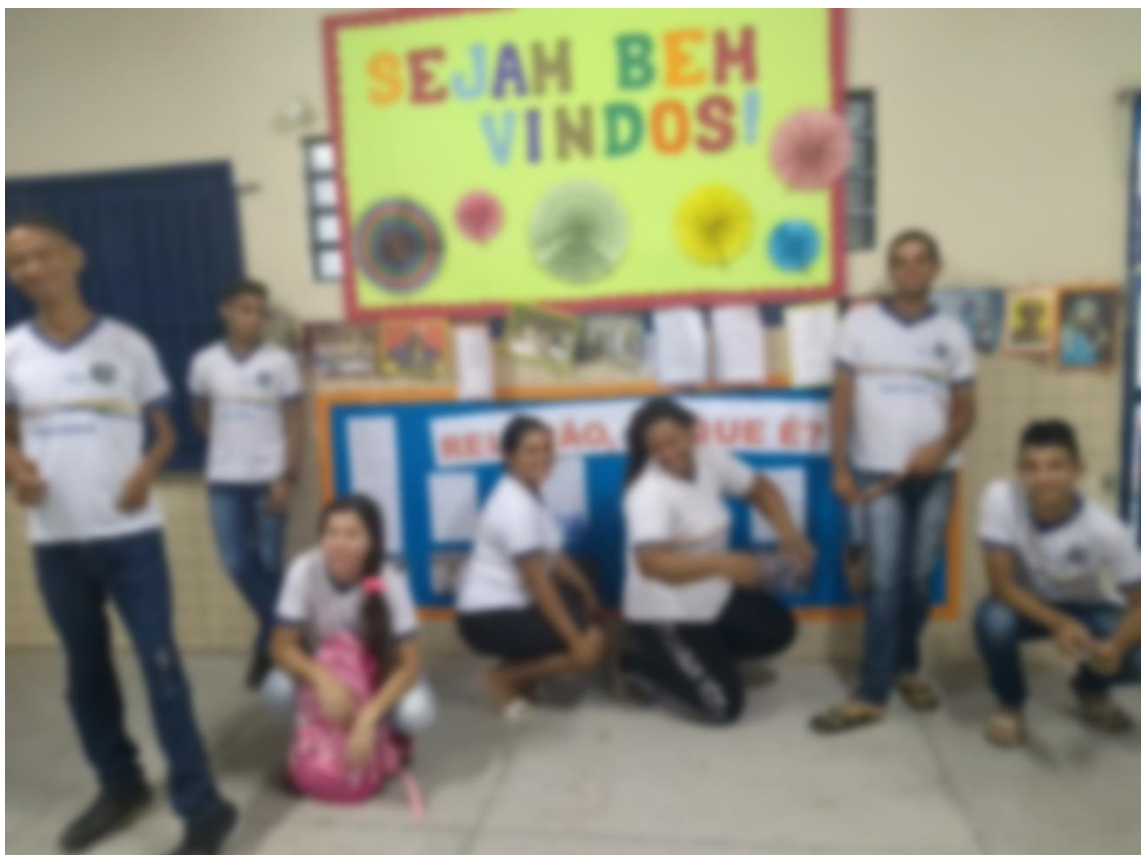






Oficina 2









## Oficina 3

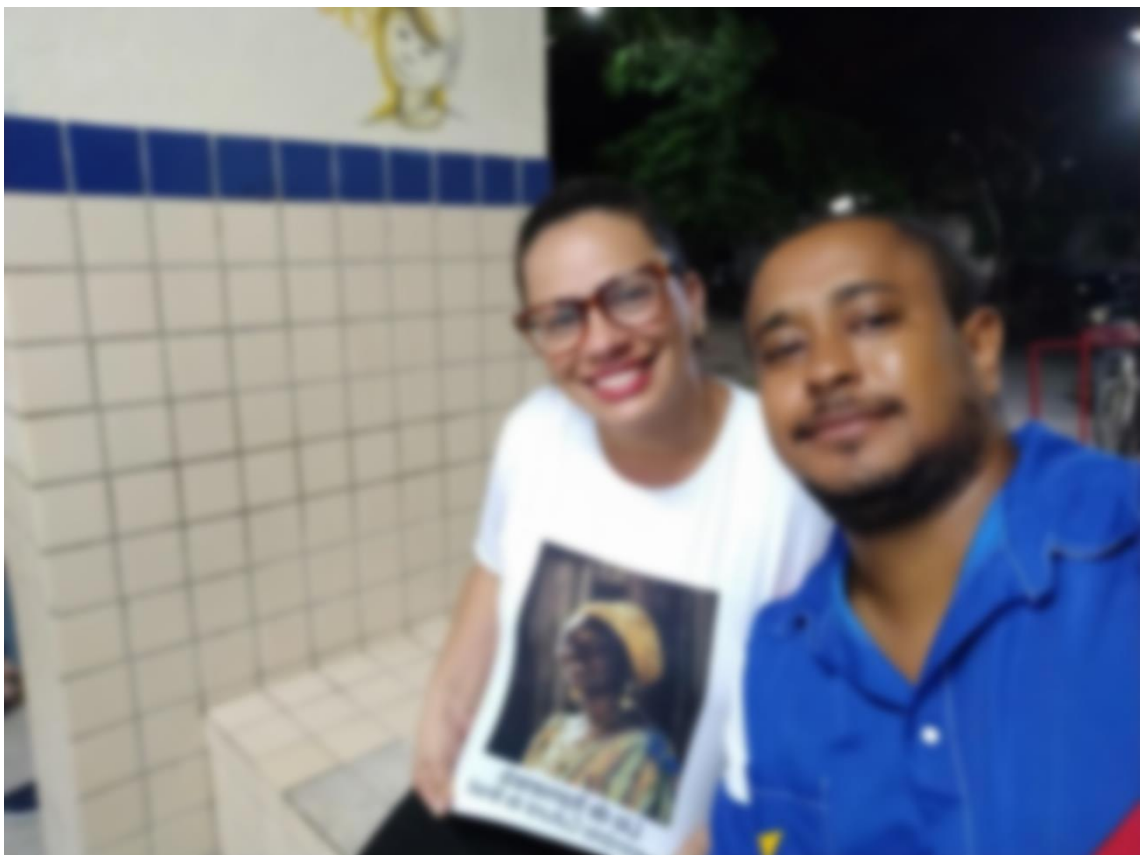




[Apêndice D] – EVIDÊNCIA DAS INTERVENÇÕES













[Apêndice E] – “OS LUGARES DE GOIANA”



# ANEXOS

## [Anexo A] – Termo de Anuência



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO  
**Gerência Regional de Educação da Mata Norte – Nazaré da Mata**  
**- Escola Cel. José Pinto de Abreu – Ensino Fundamental -**  
**Ensino Fundamental e Médio**

Dec.nº 19.149 de 17/06/1996 – Ins. Est. 156.003 – CNPJ 10.572.071/1709-72 - Código INEP 26089238

Av. Nunes Machado, s/nº - Goiana – Pernambuco – CEP- 55.900-00

Fones: 3626-8668 / 3626-8669

### TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada **IDENTIDADE CULTURAL NAS CIRANDAS DE LIA DE ITAMARACÁ: LITERATURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA**, a ser desenvolvida pela aluna **MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA** do **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS** do **CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO**, da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Prof. **Dr. HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES**, nesta instituição.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso em verificar seu desenvolvimento para que se possa cumprir os requisitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, como também, no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantia de tal segurança e bem-estar.

Igualmente informamos que para ter acesso à coleta de dados nesta instituição, fica condicionada à apresentação à direção da mesma, da Certidão de Aprovação do presente projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Tudo como preconiza a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Goiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

SEVERINO ISIDORO FERNANDES GUEDES

Gestor – Matrícula 240.383-8

**[Anexo B] – Parecer de aprovação do projeto no CEP junto ao Conselho de Ética do CCS-UFPB – Páginas inicial e final com número do parecer e situação de aprovação**

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** IDENTIDADE CULTURAL NAS CIRANDAS DE LIA DE ITAMARACÁ: LITERATURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA

**Pesquisador:** MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 11345819.3.0000.5188

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.293.844

#### **Apresentação do Projeto:**

tema interessante de relevância cultural e social, contudo pela interdisciplinaridade poderia estar em articulação com as demais áreas do conhecimento

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Coerente ao tema proposto. Sugiro um acompanhamento dos passos da pesquisa em caso de necessidade de reajustes na operacionalização

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

inerentes a um projeto de pesquisa desta natureza

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Os passos da pesquisa se bem conduzidos resultarão numa pesquisa de qualidade e importância fundamental para preservação do cultura

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

atende as exigências institucionais

#### **Recomendações:**

Observar os passos da pesquisa em consonância com os objetivos

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

nenhuma pendencia

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N

**Bairro:** CASTELO BRANCO

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.293.844

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                                            | Arquivo                                       | Postagem            | Autor                           | Situação |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|---------------------|---------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1314326.pdf | 29/03/2019 11:38:02 |                                 | Aceito   |
| Orçamento                                                 | MANUELA_ORCAMENTO.pdf                         | 29/03/2019 11:36:59 | MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA | Aceito   |
| Cronograma                                                | MANUELA_CRONOGRAMA.pdf                        | 29/03/2019 11:36:44 | MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | MANUELA_TCLE.pdf                              | 29/03/2019 11:36:19 | MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | PROJETO_DETALHADO.pdf                         | 29/03/2019 11:36:08 | MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA | Aceito   |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | MANUELA_ANUENCIA.pdf                          | 29/03/2019 11:35:46 | MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA | Aceito   |
| Outros                                                    | MANUELA_CERTIDAO.pdf                          | 29/03/2019 11:35:28 | MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA | Aceito   |
| Folha de Rosto                                            | MANUELA_FOLHA_DE_ROSTO.pdf                    | 29/03/2019 11:34:56 | MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA | Aceito   |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: UNIVERSITARIO S/N  
 Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900  
 UF: PB Município: JOAO PESSOA  
 Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 3.293.844

JOAO PESSOA, 30 de Abril de 2019

---

**Assinado por:**  
**Eliane Marques Duarte de Sousa**  
**(Coordenador(a))**

Endereço: UNIVERSITARIO S/N  
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900  
UF: PB Município: JOAO PESSOA  
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br



## [Anexo C] – FOLHA DE ROSTO

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                             |                                                                                                                                 |                                    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|
|  <b>MINISTÉRIO DA SAÚDE – Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP</b><br><b>FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| 1. Projeto de Pesquisa:<br>INICIATIVA CULTURAL NAS CRIANÇAS DE LIA DE ITAMARACÁ: LITERATURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| 2. Número de Participantes da Pesquisa: 8                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| 3. Área Temática:                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| 4. Área do Conhecimento:<br>Grande Área 5: Linguagens, Letras e Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| <b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| 5. Nome:<br>MANUELA XAVIER RIBEIRO DE SOUZA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| 6. CPF:<br>306.339.258-88                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                             | 7. Endereço (Rua, n.º):<br>Loteamento Alta da Boa Vista nº 110 CENTRO casa GIOIANA PE NAMBUCO 55000000                          |                                    |
| 8. Nacionalidade:<br>BRASILEIRO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 9. Telefone:<br>81992634899 | 10. Outro Telefone:                                                                                                             | 11. Email:<br>manuelinax@gmail.com |
| <p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do presente Projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao termo de projeto cientificamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| Data: 20 / 03 / 2019                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                             | <br>Assinatura                               |                                    |
| <b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| 12. Nome:<br>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                             | 13. CNPJ:<br>24.098.477/0017-87                                                                                                 | 14. Unidade/Orgão:<br>CCA-E        |
| 15. Telefone:<br>(83) 3291-1805                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                             | 16. Outro Telefone:<br>(83) 3292-9470                                                                                           |                                    |
| <p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| Responsável: Maria Angélica Soares Perônico Barboin                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                             | CPF: 023.489.414-81                                                                                                             |                                    |
| Cargo/Função: Diretora do CCAE/UFPB                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| Data: 22 / 03 / 2019                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                             | <br>Diretora do CCAE/UFPB<br>SIAPE: 2517224 |                                    |
| <b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                             |                                                                                                                                 |                                    |
| Não se aplica.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                             |                                                                                                                                 |                                    |